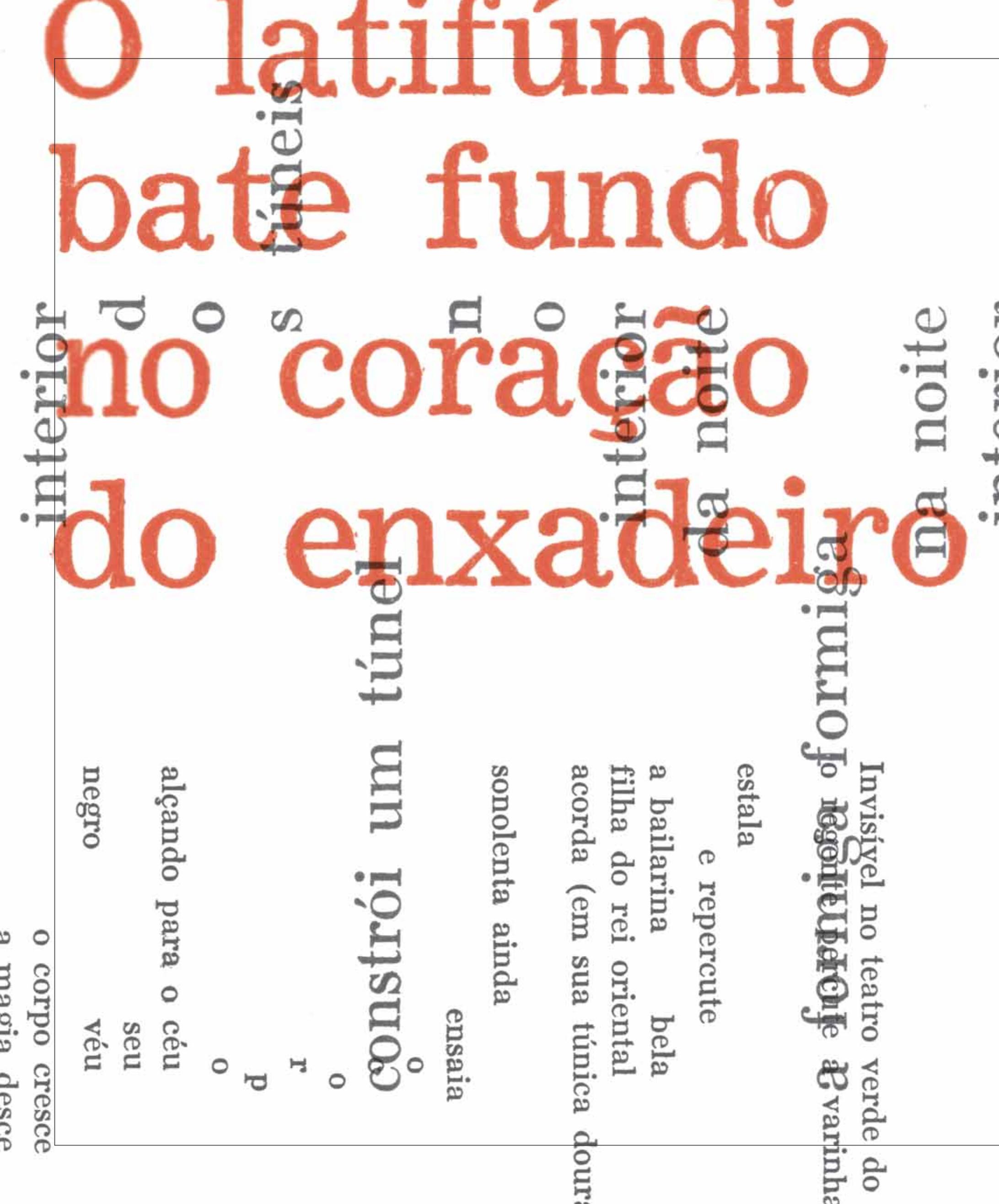


SUPLEMENTO LITERÁRIO

A MÚSICA VERBAL DE

Libério Neves



O latifúndio
bate fundo

interior
no coração
do enxadeiro

da noite
na noite

Invisível no teatro verde do

estala

e repercute

a bailarina

bela

filha do rei oriental

acorda (em sua túnica dourada)

sonolenta ainda

ensaia

constrói um túnel

alçando para o céu

seu

negro

véu

o corpo cresce

a maioria desce

interior do túnel até a ruína e o ruir dos túneis.

Os meios de legitimação de um autor – a mídia, a academia – costumam eleger nulidades e condenar ao silêncio artistas que mereciam melhor sorte. Esse estado de coisas é compreensível, porque diz muito de nossa época, em que a poesia é jogada para escanteio. Mas não é aceitável.

Este especial, mais que homenagem em vida, é uma reação, uma visão crítica contra esse silêncio. O que é manifesto no texto de Ricardo Aleixo, que alerta: “me parecia (parece) absurda a posição secundária à qual o poeta foi relegado pelos mandarins do sistema literário”. E mais à frente: “essa poesia viva merece ser lida, ouvida e discutida, devidamente apreciada, enfim, para além do até agora pequeno círculo de afortunados leitores que por ela se deixam tocar”.

A música verbal de Libério Neves – poeta meze mineiro, meze goiano, mas, acima de tudo, poeta, simplesmente, universal – pode ser devidamente apreciada agora, nesta edição do **Suplemento Literário de Minas Gerais**, que reúne, dispersa em suas 40 páginas, pequena antologia de poemas éditos e inéditos, iconografia, reprodução de correspondência trocada com Affonso Ávila, Carlos Drummond de Andrade, Dantas Motta, Henriqueta Lisboa, José Paulo Paes, Oswaldo França Júnior e Silviano Santiago.

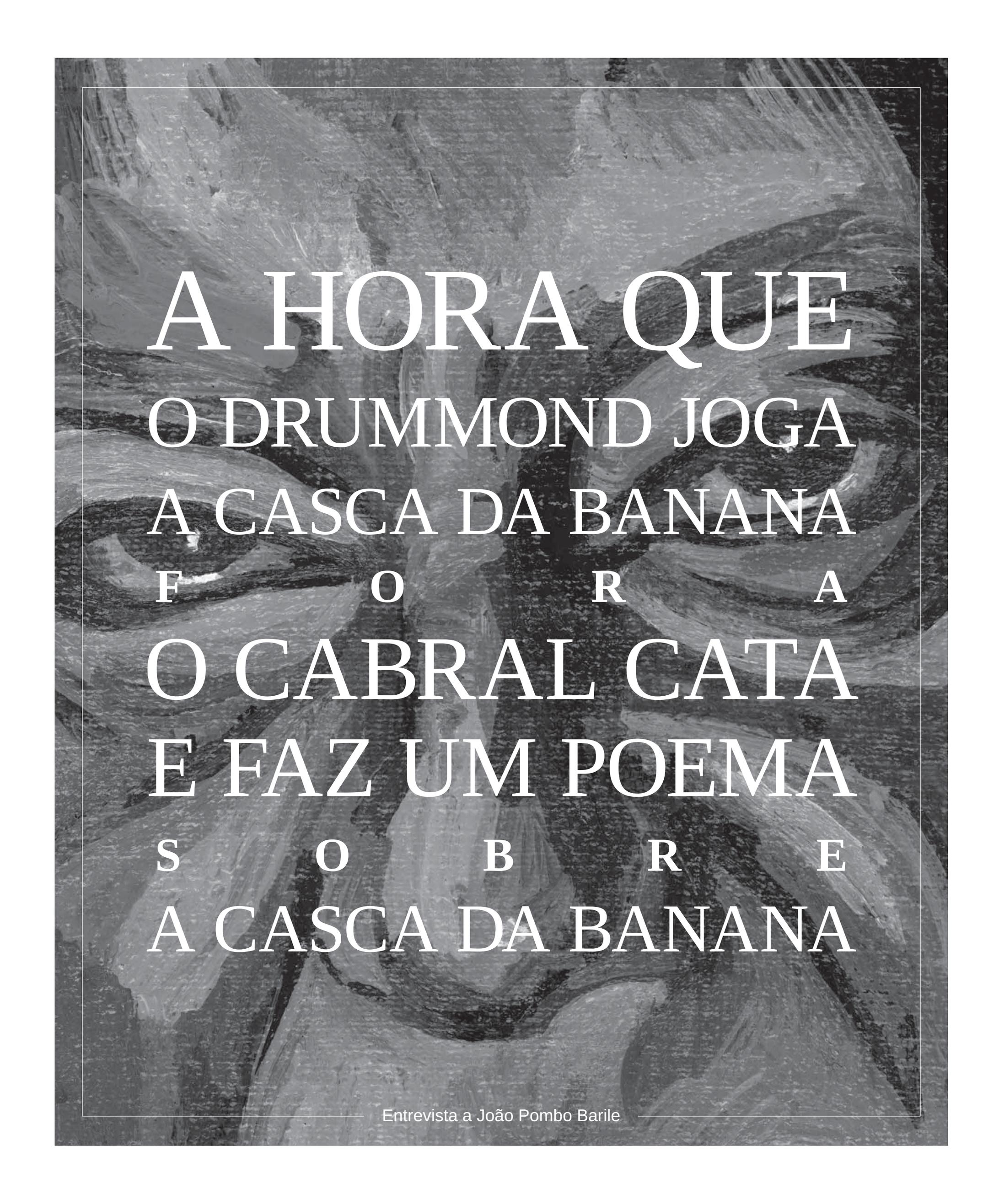
O SLMG traz também dois poemas dedicados a Libério, de João Paulo Gonçalves e Paulinho Assunção. Este, assim como Ricardo Aleixo, já chamava a atenção para o esquecimento programado:

*o poeta libério neves fez setenta anos (fará 76
em abril) e não li uma linha nos jornais de minas
para saudar o poeta libério neves*

Paulinho também é o autor de uma das três entrevistas que apresentamos ao leitor, em três momentos distintos: ele conversou com o poeta em 1977; Carlos Herculano Lopes, em 2007; e João Pombo Barile mais recentemente, em setembro deste ano.

Além desse conteúdo, há ainda a recepção crítica em torno da obra de Libério, que ressalta, entre outras características, seu diálogo com o concretismo. Como escreve Carlos Roberto Pellegrino, mesmo partindo de uma posição de vanguarda, “Libério Neves não se esgotou nas puras formas e estruturas visuais, muito pelo contrário, trouxe das pesquisas o elemento fundamental dos seus poemas, o conteúdo nítido, explicitado, da sua personalidade demonstrada em cada verso”.

A recepção crítica se completa com ensaios de Fábio Lucas, Fritz Teixeira de Salles e Antônio Sérgio Bueno. É deste último que vem o convite para conhecer/ler Libério: “Uma poesia escrita com a mão torta pela delicadeza, com um tortuoso amor pela vida e pela palavra e que nos transforma, a nós leitores, em seres inspirados. A poesia de Libério nos dá uma consciência mais ampla dos sentimentos profundos que formam o substrato do nosso ser. [...] Afirmo que Libério disse coisas importantes para mim. Não foi apenas ‘tentativa de luz’, mas puro brilho”.



A HORA QUE
O DRUMMOND JOGA
A CASCA DA BANANA
F O R A
O CABRAL CATA
E FAZ UM POEMA
S O B R E
A CASCA DA BANANA

Encontrei-me com Libério Neves no final de setembro deste ano. Na sua casa, em Santa Teresa, conversamos por quase duas horas. Entre tantas perguntas, quis saber por que há algum tempo ele não lança livro de poemas, considerando que as editoras não se interessam por publicar poesia. Eis a resposta de Libério: “É. Houve uma carta que recebi de uma editora de São Paulo que ilustra isto. Mande um livro de poemas para lá – que até hoje está inédito – e a editora me respondeu o seguinte: ‘Não discutimos a qualidade de sua poesia. Discutimos se vende ou se não vende. Como se trata de poesia, que naturalmente é destinada a público mínimo, e como se trata de uma poesia refinada (veja que ironia) – não temos como publicar o seu livro’.” Confira, a seguir, os melhores momentos de nossa conversa.

O senhor publicou o seu primeiro livro em 1965...

Isto. O *Pedra Solidão*, pela Imprensa Oficial [de Minas Gerais]. No ano anterior, ele tinha ganhado o prêmio Cidade de Belo Horizonte. Naquela época, a Imprensa Oficial publicava alguns livros de autores mineiros. Sabe: embora eu não seja mineiro, eu me considero mineiro também.

O senhor nasceu em Goiás...

Exato. Em Buriti Alegre. Sou goiano.

O escritor Bueno de Rivera gostava de brincar com o senhor sobre o fato de ter nascido em Goiás, não é verdade?

É verdade. Convivi muito com o Bueno. Ele tinha uma irmã, que morava aqui na praça e sempre vinha aqui em casa. Gostava muito dele. E acabei, inclusive, trabalhando com ele. Num guia que ele fazia: o Guia Rivera, que indicava todos os endereços de Belo Horizonte. Lembro de muitas vezes, quando a gente estava no meio do trabalho, o Rivera parava e me dizia: “Ô Libério, vamos parar um pouco com este trabalho que está muito chato. Vamos conversar sobre poesia”. E um dia ele me deu uma definição que me marcou muito e eu nunca mais esqueci. Ele me disse: “Ô Libério, você pode não ser o melhor poeta mineiro. E também pode até não ser o melhor poeta goiano. Mas você é o melhor

poeta goiano que eu conheço. Que é esta mistura pura de goiano com mineiro”.

O senhor conviveu com o Eduardo Frieiro?

Não muito. Conheci-o na época do Murilo Rubião. Na época em que o Murilo dirigia o *Suplemento*, a redação era um grande ponto de encontro de escritores. Toda tarde, antes de irmos para casa, a gente se reunia lá. Eu estava lá diariamente, já que trabalhava diretamente com o Murilo na comissão de redação. Logo depois a ditadura se agravou e acabou com tudo aquilo.

O senhor foi perseguido pelo golpe de 1964?

Indiretamente sim. Nunca tive nenhuma amolação, mas uma vez, quando o Wander Piroli dirigia o *Suplemento*, tive algum problema sim.

O que aconteceu?

Uma vez, eu me lembro que a Polícia Federal arrebatou a redação na época do Wander. E eu levei um susto danado. Outra vez, foi quando eu fui premiado em 1972. Na solenidade de entrega do prêmio Cidade de Belo Horizonte, na hora em que eles me chamaram ao palco para entregar o prêmio, o funcionário da prefeitura me entregou o envelope





Arquivo

Emílio Moura e Libério Neves

e me disse apenas: “Você está recebendo só o envelope. Amanhã você vai à prefeitura para receber o seu cheque”.

E eles pagaram?

Passaram-se as semanas e o dinheiro nunca era entregue. Até que um dia eu me cansei da história e fui para o jornal. E falei que a prefeitura não cumpria com o compromisso com os artistas e escritores. Que os escritores não eram respeitados. Eles aí então me pagaram. Mais tarde, vim saber por que eles não me pagavam.

Por quê?

Na época da Revolução, todo livro que ganhava prêmio de instituição pública era encaminhado para Brasília. Tinha que passar por um filtro deles lá. Uma censura para saber se o autor poderia receber o prêmio e se o livro poderia futuramente ser divulgado.

Como o senhor veio morar em Belo Horizonte?

Quando terminei o curso primário na minha terra, em Buriti Alegre, meu irmão, que morava em Minas – Tupaciguara, no Triângulo Mineiro – propôs para minha mãe de me levar para Tupaciguara. Minha mãe topou, já que o sonho dela era que eu continuasse os estudos. Vim então para Minas.

Em Belo Horizonte o senhor veio para estudar o segundo grau...

Iniciei em Uberlândia e o concluí aqui, depois acabei estudando Direito.

Em que ano?

Comecei o curso em 1956 e terminei em 1960. Fui colega de Pierre Santos, Allan Viggiano. Éramos a geração 60 da UFMG.

Muitos poetas mineiros estudaram no direito da UFMG: o Sebastião Nunes, o João Paulo Gonçalves, o Márcio Sampaio, o Fernando Brant, o Adão Ventura...

Estes todos são bem mais moços do que eu. Eu os conheci no *Suplemento*. Eles eram todos jovens e eu já estava atingindo a maturidade.

O Ildeu Brandão era mais velho que o senhor...

O Ildeu? Era. Ele também fazia parte da redação do *Suplemento*.

Gostaria de falar de suas influências. O senhor começou na poesia e depois foi para a prosa?

Sim. Mas sem nunca abrir mão da minha característica de poeta. A minha prosa é sempre comprometida com a linguagem poética. Pelas imagens, pela sensação. Porque não adianta: por bem ou por mal eu me sinto poeta. Hoje tenho 19 livros de literatura infanto-juvenil. Sabe, de uns anos para cá ficou difícil publicar poesia para leitor adulto.

Qual foi o primeiro poeta que despertou a poesia para o senhor?

Eu escrevi poemas que não significam nada para aquele tempo. Tive uma formação clássica – fazia sonetos e tal. Na escola, convivendo com o Pierre Santos – um grande orientador – sofri uma mudança. Mostrava

meus escritos para ele. E um dia ele me disse. “Libério, não resta dúvida alguma a sensação de poesia que a gente sente em seus poemas. Você é poeta. Mas você não é um poeta do seu tempo. Tudo isto que você fez – bem feito ou não – já foi feito antes pelos parnasianos. Eu vou lhe oferecer uns livros para você se atualizar um pouco. E depois quero que você reescreva todos os seus poemas.”

O senhor lia os poetas parnasianos?

Eu gostava muito do Alberto de Oliveira, do Olavo Bilac e do Raimundo Correia... Gostava tanto que tirei nota dez, na prova oral, quando fiz vestibular para Direito. Lembro bem: o examinador era o professor Aires da Matta Machado Filho.

Como foi esta história?

Você sabe: naquele tempo, o vestibular tinha prova escrita e oral. E na hora da prova oral, sabe qual o ponto que caiu para mim? Os parnasianos: Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raimundo Correia. Assim que o ponto foi sorteado, o professor Aires virou para mim e me perguntou: “O que você sabe me falar a respeito da poesia parnasiana?”. Eu então olhei para ele e disse: “Olavo Brás Martins dos Guimarães” e o professor Aires me cortou na hora e disse. “Para com isto. Eu conheço o Olavo Bilac. Este nome comprido não me interessa não. Interessa-me o Olavo Bilac poeta. Você sabe recitar alguma poesia dele?” E eu então respondi. “Certamente. E declamei “Ora, direis, ouvir estrelas”, que era o poema “Via Lactea”. O professor ficou calado ouvindo. Na hora em que acabei, ele me disse. “Você conhece mesmo”. E me deu então nota dez. E em outra ocasião, ele me emprestou uns livros...”

Quais eram?

Drummond, João Cabral e Bandeira. Essa tríade. Uma vez me perguntaram: quais são os dois melhores poetas do modernismo brasileiro? E eu então respondi: dois eu não respondo não. Se você me perguntar três, eu respondo. Dois não. Porque senão eu farei uma injustiça de acordo com a minha própria admiração. Bandeira me marcou pelo lado da simplicidade, do domínio de temas aparentemente simples e que não daria para fazer poesia. O Drummond, que era mais pomposo na escolha dos temas. O Pierre Santos é que tem uma frase boa. Um dia ele me disse: “o Drummond pega uma banana e vai comendo a banana e o João Cabral vem atrás. A hora que o Drummond joga a casca da banana fora, o Cabral cata e faz um poema sobre a casca da banana”.

Mas teve algum que o marcou mais?

Principalmente o João Cabral. Porque a minha linha de poesia é mais sintética, mais descarnada, mais despojada de gordura, de adjetivos e coisas assim. Então por isso mesmo aquela linguagem econômica do João Cabral se aproximou mais daqueles caminhos que eu busquei. Não

como símbolos de imitação, mas de lições que eu queria passar à frente de acordo com os meus pontos de vista poéticos.

O senhor conviveu com o Emílio Moura no Suplemento, não é verdade?

A gente se conheceu no *Suplemento*. Tenho até uma foto junto com ele, que tiramos lá na redação do *Suplemento*. Guardo este retrato com o maior carinho. Nessa foto, eu estou todo tímido – questão de natureza e também de estar do lado do monstro sagrado que era o Emílio. Quando fomos tirar a foto, o Emílio me disse. “Levanta a cabeça, o futuro da poesia lhe pertence”. O Emílio, indiretamente, exerceu também influência em mim, sabe.

Como?

Um dia, o Emílio me disse. “Libério, você precisa ter muito cuidado porque você está se deixando levar pelo estilo do João Cabral. Você não precisa seguir ninguém. Você pode partir de todos, mas deve ter o seu caminho”. Um conselho do maior valor.

Como foi o seu contato com os concretistas?

Comecei a ler os concretistas por minha conta e por influência do Affonso Ávila. Aliás, o Affonso foi um dos responsáveis pela minha modernização. Depois de ter lido todos os três modernistas, mais os concretistas, escrevi *Pedra Solidão*. Nesse livro, aliás, está o poema “Pássaro em vertical” (ver este poema na página 19), que é muito citado em livros didáticos, até hoje. Um poema importante para a poesia concreta.

O grupo Vereda foi importante na sua formação. Quem fazia parte do grupo?

O grupo era composto de Henry Corrêa de Araújo, Ubirassu Carneiro da Cunha, Elmo Abreu Rosa e eu. Depois, surgiram Valdimir Diniz e Maria do Carmo Ferreira, que se agregariam ao grupo. Publicávamos uma revista periodicamente e que fez um certo sucesso.

Uma pergunta sobre o seu processo de criação. O senhor acredita em inspiração para escrever poesia?

Eu acredito mais em motivação. Imagina. Um dia você acorda e diz: hoje estou inspirado, vou escrever um poema. Mas sobre o quê, o que vai te motivar a escrever? Inspirado em quê? A inspiração existe, mas a motivação a dirige.

No quando em conversando assim contigo
e tido em ser um ser assim sincero
sou uma sombra boa, um vulto amigo

e sou, quando te falo, e quando sério
um grave ser sutil que nesta vida
transcende ao anjo, ardendo-se matéria

minha palavra então espessa vibra
ou tímida se evola, ou gruda como visgo
nos corações melífluos das pessoas.

Contudo quando durmo (quando em sonho)
ou quando em meus re-versos me componho
um outro eu, em mim, pulsa e ressoa

uma linguagem funda e diferente!
pois uma coisa é ter-se o meu retrato
que mostra o magro rosto externamente,

enquanto que mostrado, em raios-X,
o dentro é contraponto e ponte exata
entre o ser-se o que é e o que se diz:

bem mais que olhos mansos nas capelas
ser o suspiro posto à luz das velas
queimando entre ser alma e ser matriz.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A Libério Neves:

Obrigado, poeta, pela oferta amável
de Força de gravidade, em que o seu sentimento
da terra e da vida se manifesta de forma
tão intensa. O abraço de

Carlos Drummond de Andrade

Rio, 28.3.79

Meu caro Libério,

recebi Força de gravidade em terra de vegetação ras-
teira e agradeço a gentileza da lembrança. Entrei de cheio
nos seus versos telúricos, e logo me dei conta de que são
diferentes dos "tradicionais" (isto é, os de inspiração
puramente "realista" ou "regional"). No seu caso o ser hu-
mano e a natureza se dão metamorfoseadamente em linguagem:

a erguer-me árvore
neste solo árido

...
piso o céu unindo
terra que me pisa

...
sou esse menino
a arvorar-me ave

A linguagem poética serve de mecanismo de integração do
homem no universo - seu ponto de apoio e o seu sentido.
Através do homem e de sua linguagem se dá todo o univer-
so, pois o homem é "feito de terra / e de galáxia", como
vocáiz mais adiante.

O bonito da sua poesia é que a voz poética, atran-
gente e universal, não tem a pretensão divina (vide Jorge de
Lima), nem a pretensão profética (vide Murilo). Sua voz é
a do homem e dos seus possíveis, como nos lembrou Valéry,
citando Píndaro.

Li com prazer seu livro. Terá, sem dúvida, o suces-
so que merece.

Seu amigo e leitor,

Silviano
22/6/79

As iluminuras de Libério

Antônio Sérgio Bueno

Na última página de seu livro, *Voa, Palavra*, de 1995, o autor Libério Neves conta que, após uma tarde chuvosa, uma enorme poça d'água – que se formou na rua de terra, em frente à casa dele – refletia a lua e as estrelas. E ele, menino, mergulhou profundamente naquele espelho que estremeia ao sopro da brisa. Voou tão longe que teve medo e voltou para dentro de casa. E a memória desse voo mágico inspirou-lhe esse livro sobre os pássaros.

Eis o Libério: pés fincados no chão “goianeiro” e a cabeça (e os olhos) nos ares não só deste mundo, mas também no brilho das estrelas. Quando o vi, pela primeira vez, não me lembro quando, veio-me de chofre a certeza: este homem é de minha tribo. Ele também veio do mundo rural. “Mexerica se conhece pelo cheiro”. Até hoje sei muito pouco da vida dele. Nem posso dizer que somos amigos, tão poucos e raros foram os momentos em que nos vimos. Mas somos cúmplices na trajetória existencial e no amor à poesia.

Peço ao eventual leitor destas anotações despreziosas que me acompanhe na leitura de alguns livros de Libério. Começo por *Pedra Solidão*, de 1965, prêmio Cidade de Belo Horizonte, de 1964, com capa do excelente Márcio Sampaio.

A primeira observação que faço é quanto à variedade rítmica, os inumeráveis ritmos e à exploração do branco da página como agente estrutural, influência da nascente poesia concreta, que Libério aproveitou com a marca registrada de sua individualidade. É desse livro o antológico poema “Pássaro em vertical” (p.35), no qual a queda do pássaro é figurada na distribuição em vertical das letras que compõem as palavras norte e sul. No poema “Pagode” (p.31), as palavras também dançam no espaço da página. Passando do isomorfismo visual para o auditivo, no belo poema “Cavalo” (p.37), o poeta consegue mimetizar o efeito sonoro de percussão das patas do animal no chão através destas palavras, que perfazem dois versos sucessivos:

“galopando
sincopado”



Nos anos 60 do século passado havia um contraponto entre a poesia concreta, com sua experimentação verbivocovisual tão vanguardista, e a poesia engajada, comprometida com a generosa utopia socialista. Os chamados Centros Populares de Cultura (CPCs) eram uma das expressões dessa tendência artística participante. Libério, sem fazer nenhuma concessão no plano da qualidade artística de seu texto, não podia ficar surdo a esses sinais daquele tempo e lavra assim seu protesto contra a injusta estrutura agrária brasileira:

*“Dorme o latifúndio dorme
Inteiraço
em verde
dorme
sob a lua
sob o sol
sobre
o
homem
que não dorme”* (p.49)

Percebe-se uma aproximação entre alguns versos do poema “Cural” e uma passagem de “O burrinho pedrês” de Sagarana, (1946), de Guimarães Rosa:

Libério: *“o boi brabo corre corre
entre bois brabos esconde
bufa o boi e baba e corre
e para
e torna a correr”* (p.41)

Guimarães: *“Boi bem bravo, bate baixo, bota
baba, boi berrando... Dança
doido, dá
de burro, dá de dentro, dá direito...
Vai, vem, volta, vem na vara, vai
não volta, vai varando...”* (p.212)

Libério já demonstra neste livro todo o domínio da língua e dos recursos poéticos, o que só vai ampliar-se nas obras seguintes. Alguns exemplos:

- a falta de pontuação entre as palavras, o que

permitirá uma variedade de sentidos a partir da distribuição das pausas, feitas pelo leitor;

- a presença dos parênteses, figurando uma voz em off;
- deslocamentos criativos como em “Poema do latifúndio”:

*“berra cabra e berra jia
e
cobra pia”* (p.29)

- processo enumerativo de palavras, como em “Sertanejo”:

*“o cansaço
o palor
a inchação
a preguiça”* (p.45)

O livro *O Ermo*, de 1968, com bela capa de Álvaro Apocalypse, carrega também as muitas e fortes marcas do universo rural, embora seu título aponte, sobretudo, para a paisagem interior do homem, como se confirma na leitura da epígrafe:

*“(O homem
cresce
de si mesmo
e a si
retorna em seu ermo)”*

O título do primeiro poema mostra a “sombra da província” contaminando a escolha das palavras: “Pescador de sodade.” Um “denso lirismo meditativo”, próximo ao melhor Drummond, apresenta-se nestes belos versos de abertura do poema:

*“Jogo nágua
em tarde mole
bambo
anzol
(...)
o rio sonha
tranquilo
e eu penso”* (p.13)

A passagem da roça para a cidade (o mesmo trajeto espacial e existencial de Carlos Drummond de Andrade) antecipa-se neste percurso das águas, mostrado no mesmo poema:

*“o rego desceu ao corgo
o corgo cresceu no rio
o rio se deu em mar”* (p.17)

O segundo poema, “O Arrudas”, fala do ribeirão que corta Belo Horizonte e traz um subtítulo paródico em relação ao Rio São Francisco: *“(um rio de unidade capital)”* (p.25) A água suja, pardacenta escorre à

*“revelia
de intestina sina
o fio fia”* (p.26)

e a palavra “intestina” denuncia os dejetos lançados no Arrudas. A assonância aguda da sequência de “is” tônicos acentua o tom agônico do poema.

Pelos comentários feitos até agora, pode-se perceber o equilíbrio entre expressionismo e construtivismo nos versos de Libério. Os sons nascem de si mesmos sem repouso, tecendo ricas redes sonoras, como nesta estrofe do poema “No Vietname”:

*“a sombra da noite
armada inerme
a sombra da morte
armada enorme”* (p.38)

De passagem, nunca é demais lembrar que o poema que acabo de citar é um libelo de Libério contra a guerra do Vietnam que tanto marcou a geração do poeta e o mundo inteiro, na confluência das décadas de 60 e 70, no século passado. Mas nada tem de panfletário, é pura arte poética. Que o leitor aprecie os belos ecos (pura musicalidade) nos versos de abertura do poema:

*“Quando nasce
o sol
ao longo dos olhos”*

*(oblongos
no solo
do Vietname)* (p.37)

Mas a linha temática de “os bens e o sangue” se prolonga em poemas como no metonímico “Bisavô”, que se inicia assim:

*“O retrato na parede
severo
par de bigodes”* (p.45)

e no belo “Meu pai”

*(...)
se tão clara
a imagem foge
recordo ainda
a cor da roupa”* (p.47)

Ao leitor de poesia brasileira não escapará o diálogo dos versos citados acima com o poema “Viagem na família” de Carlos Drummond de Andrade. Diálogo este que prossegue entre o poema “O Magro”, de Libério e o “Poema de sete faces”, de Drummond. Em ambos, o sujeito poético assume uma identidade “gauche”. Eis como esta se apresenta no poema de Libério:

*“me consolo
da sobra do mundo
(...)
eu me escondo
na sombra dum poste”* (p.51)

O tema do desencontro (com o outro, consigo próprio) mostra-se em belas sínteses no poema “Balanço”:

*“Quando vais
eu sempre venho
sempre vou
quando te vens
(...)
não sei se vou
ou se venho”* (p.65)

O livro *Força de Gravidade em Terra de Vegetação Rasteira*, prêmio Cidade de Belo Horizonte de 1977, inicia-se com forte teor metalinguístico a partir da epígrafe:

*“Ó poesia
flor e carrapicho”*,

imagens vinculadas à terra e que definem a poesia, colocando lado a lado o belo (flor) e o feio (carrapicho). No mesmo diapasão metalinguístico estão os versos do poema “Vegetação rasteira” (continua a moldura da terra):

*“eu faço e refaço
meu verso refundo
e me agarro na lixa
da flor carrapicho”* (p.17)

Outro exemplo, mais adiante, nesta esdrúxula assonância em u no poema “Vida menor”:

*“letra U sob o tremã
e unhas dentro da luva”* (p.35)

Chama a atenção do leitor, neste e em outros livros de Libério Neves, uma sintaxe inusitada dos versos, muito bem representada por esta estrofe de difícil leitura, recortada do poema “Herança”:

*“o tempo está de
me valer de espada
contra ser a nuvem
próxima dilúvio”* (p.23)

Melhor exemplo ainda dessa estranha sintaxe são estas estrofes autobiográficas:

*“quem vai e nasce
no capim, e vai
de lombo de burro*

*em fuga, um fogo
nos cabelos
alongando
belos, de menino”*
 (“Corpo vivo”, p.147)

A primeira estrofe mostra a repetição da forma verbal *vai* para lembrar o dinamismo de um menino, uma usina de energia. A estrofe seguinte começa com a musicalidade paronomástica de *fuga* e *fogo*. O mais impressionante é que o adjetivo “belos”, no final, vem separado do nome “cabelos” (ao qual se refere) pelo verbo “alongando”, o qual pode referir-se tanto aos cabelos soltos, quanto aos movimentos do menino e do animal.

Também frequentes neste livro são as *paronomásias*, ajudando a compor a grande melodia e as intensas harmonias desta poética tão musical:

*“sou mudo e sou vós
em uma voz que passa”*
 (“O múltiplo”, p.22)

*“Ora é o homem que ora
ora que xinga e cessa”*
 (“A montanha”, p.72)

*“quando peixe
o corpo nada
e rodopia*

*o corpo, agora nada,
e roda – o rio”* (“Origens”, p.90)

Avançando nesta senda lúdica, os anagramas também marcam presença:

*“e o corpo quando nada
há muito a custo ando”*
 (“Peixe espinho”, p.25)

*“(se furta
se fruta rara)”*
 (“Vulca-boi”, p.97)

*“Carrega em si
um parvo
e grande
pavor do guante
da morte”*
 (“Alfa e ômega”, p.131)

A desconstrução de frases feitas ou clichês é um modo de renová-los e deslocar a percepção acomodada do leitor:

*“esse cúmplice de si
num círculo
que vício*

*Parte,
sempre retorno
ao ponto que partir”*
(“O homem da rua”, p.107)

*“(seus olhos mudos
em dia de guarda
e chuva”* (“Cativo”, p.111)

*“o homem grave
em praça e público
no século”* (“As esculturas”, p.145)

À guisa de epígrafe da segunda parte “Força de gravidade”, o poeta anuncia uma verdadeira profissão de fé poética nestes versos minimalistas:

*“Viso a forma
com fundo,
e não a fôrma*

*que a deforma
e confunde.”*

No que diz respeito a diálogos com outros poetas, registro apenas os mais evidentes. No poema “Descobrimento” há clara paródia dos versos iniciais de “Os Lusíadas”:

*“As barbas e os
bigodes
assinam dados”* (p.85)

Em uma entrevista, Libério Neves diz que lê sempre a poesia de Carlos Drummond de Andrade e de João Cabral de Melo Neto, que conheceu através de Pierre Santos, seu colega de faculdade.

O verso “Mas eu nunca fui lá?” do poema “Discurso em Santa Cruz” nos remete imediatamente ao poema “Bahia” de Carlos Drummond de Andrade:

*“É preciso fazer um poema sobre a Bahia...
Mas eu nunca fui lá.”*

Há referências explícitas a João Cabral de Melo Neto no poema “Água ardente”:

*“João Cabral
falou da cana,
do canavial*

*eu digo a cana
cortada,
sem o toco
nem a soca”* (p.99)

e em “Tema de Aranjuez”:

*“Seu cante
a palo seco
no além do sol,
da manhã”* (p.136)

Há, neste livro, dois poemas que mereciam análises mais detidas, pois estão no nível da mais alta poesia brasileira: “Aquário” e “As esculturas”. Do primeiro quero destacar os seguintes versos:

*“Por onde for,
o peixe nada
espaço rígido*

*regendo ar
nas águas líquidas
e fundas*

*por onde bebe
em bis e pasta
a paz do abismo*

*seu ciclo de redoma
doma-o*

*contudo funda-lhe,
redondo, o
horizonte e o mundo.”* (ps. 137–138),

versos nos quais o poeta recria o mundo aquático em miniatura (o aquário), e a exploração que o peixe faz desse espaço líquido.

Em “As esculturas” impressiona a força das seguintes estrofes:

*“Em pedra e carne
resumidos, ardem
os corpos
quase mudos:
e quase frios,
homem e mulher
são pedras
com sangue e ventre,*

*ou corpos
esculpidos em pele
com pedra dentro.”* (ps. 145–146)

Os versos acima realizam um encontro privilegiado entre a poesia e a escultura, a palavra e a pedra. O elemento pedra constitui-se num ponto de encontro entre as poesias de Carlos Drummond, João Cabral e Libério Neves.

O livro *Circulação de Sangue* foi prêmio Cidade de Belo Horizonte de 1972 e trabalha poeticamente as origens de um sujeito poético, o qual vale, metonimicamente, por todo um povo. É uma carta de pertencimento mestiço:

*“Venho de sagres
batuques e lendas
magias e mágoas
quentes e fundas”* (p.12)

A parte chamada *Autópsia* identifica o ser humano como essa estrutura de músculos, nervos e ossos, todos anulando-se em pó. O que o poeta fala da “alma” não tem nenhum vínculo com metafísicas religiosas. Ele a vê como um

*... filtro
que lava o tempo,*

*e decompõe no ar
fuligens de memória” (p.43)*

Na parte *Raça* há uma paródia de versos de Castro Alves (“O navio negreiro”). Faça-se o paralelo:

Castro Alves: “Auriverde pendão de minha terra!

Libério Neves: “aure e verde
vergão da descoberta” (p.49)

É encantadora a capacidade do poeta em mimetizar a sugestão rítmica, o andamento percussivo identificador de uma negritude que compõe sua (nossa) identidade, em versos como os seguintes:

*“moçambique
sua viagem no sangue
de tambor
e samba” (p.54)*

Catalogado como literatura infanto-juvenil, *Voa palavra*, de 1995, é simplesmente um belíssimo livro de poemas para leitores de todas as idades. São textos sobre pássaros, aves. São olhares limpos e inéditos de que nos lembraremos sempre que nos depararmos com essas criaturas aladas ou seus nomes. Alguns exemplos:

“andorinha

*andorinha andorinha
voa além da minha
vontade de voar” (p.91)*
(lembra versos de Manuel Bandeira)

“Araponga

Tinnn!
*tiniu no tímpano
o canto alto
da araponga” (p.10)*

*“Arara
ararA*

indo ou voltando” (p.11)
(Observar o palíndromo)

“Jaburu

*Que conspira
nessa mira fixa
o jaburu? (p.25)*

“Sabiá

*você sabia
que o sabiá
é um sábio?” (p.33)*

No poema “Gaivota”, observe-se a quebra de expectativa. Onde se esperava ler “alto-mar”, lê-se “alto-ar”:

*“Preso no bico
mexe e remexe
no alto-ar
voando um peixe” (p.21)*

Libério, o mestre das imagens, tem neste livro, achados imagéticos como este:

“arara aquarela” (p.13)

Uma arara não é mesmo uma aquarela viva?

Voa, Palavra, é, afinal, um hino à liberdade, sentimento que nasce junto com a criança e que deveria acompanhar o homem até a morte.

Mineração, de 2006, é um livro tão bonito de se ler, quanto de se ver e encanta leitores de todas as idades. Compõe-se de poemas, em ordem alfabética, sobre substâncias minerais, configurando um projeto harmonioso como matéria e muito rico na visão singular e impressionista dos elementos. Aumentam o fascínio do livro os finos jogos semânticos, os efeitos sonoros e o envolvente lirismo. A parte interna da primeira capa apresenta uma pesquisa de

teor enciclopédico de todos os elementos transfigurados poeticamente nos poemas.

A epígrafe “mineral: ser bruto da vida, ser vida na forma esculpida”, exalta, em clave cabralina, a expressão artística escultural, que expressa a vida refugiada na matéria. É o que vai confirmar a primeira estrofe do primeiro poema, “A Terra”:

*“Seja terra em pedra
ou terra em lama
ou terra em pó
em toda a Terra
tudo é vida só”*

O grande poeta manifesta-se exatamente no encontro de seu conteúdo com a melhor forma expressiva. E isso ocorre no poema “Ágata”, no qual a ideia de dureza se expressa com perfeição na rima “ura”, que a sublinha:

*“E sendo mais dura
a sua estrutura
mais bela se faz
a escultura.”*

A visão impressionista a que me referi fica evidente nos versos iniciais de “Alumínio”:

*“Alumínio parece
metal feminino.”*

No mesmo poema, o leitor pode deleitar-se com o emprego da palavra “Chama” como nome e como verbo, em versos que personificam e dão voz ao fogão:

*“Chegue à janela
panela bela
sou eu quem chama
sinta o calor
de minha chama.”*

Já que o público-alvo deste livro são os jovens, tornam-se pertinentes as mensagens que o poeta veicula nos seus poemas, como se vê na estrofe final de “Bronze”:

“Por que não tiram
das praças do mundo
os tiros de canhão
que abafam o sino?”

E também na última estrofe do poema
“Chumbo”:

“*Chumbo era vida
quando gravava
nos livros
palavras lindas.*”

Ainda nessa linha educativa e moralizante
(no melhor sentido deste termo), o poeta vale-
se de um recurso metalinguístico para valori-
zar uma denúncia pacifista, no fecho do poema
“Cobalto”.

“*Por que uma consoante
de cabeça para baixo
faz da pomba a bomba,
assombra os pássaros
com sua sombra?*”

O mesmo conteúdo pacifista encerra o poema
“Ferro”:

“*Mas o ferro é nada
quando sendo espada
ou bala de canhão.*”

O arsenal criativo de Libério não tem limi-
tes. Ele aproveita, por exemplo, o desenho de
uma letra (n), repetindo-a para sugerir o movi-
mento de um camelo (ou cáfila) no poema
“Cristal”:

“*camelo annnda na areia
amarela*”

O mestre das imagens reaparece em alto
estilo no poema “Esmeralda”, através deste
belo símile:

“*Fagulhas brilham
na montanha*

*como agulhas de luz
acendendo.*”

O poema “Isopor” é um dos destaques deste
livro encantador. Primeiro a voz poética des-
loca a função do isopor: este já não agasalha
sólidos ou líquidos e sim o tempo:

“*O isopor
isola o tempo
em seu vazio
interior.*”

Estas anotações sobre a poesia de Libério
Neves já vão ficando muito longas. Para encer-
rá-las valho-me de uma dedicatória de Libério
a Jaime Prado Gouvea em um exemplar de
Pedra Solidão:

“Jaime:
esta tentativa de dizer das coisas
importantes, tentativa de luz, ofício
de pedra e solidão.”

Uma poesia escrita com a mão torta pela
delicadeza, com um tortuoso amor pela vida e
pela palavra e que nos transforma, a nós leito-
res, em seres inspirados. A poesia de Libério
nos dá uma consciência mais ampla dos senti-
mentos profundos que formam o substrato
do nosso ser. Pensando na dedicatória citada,
afirmo que Libério disse coisas importante para
mim (nosso percurso é o mesmo). Não foi ape-
nas “tentativa de luz”, mas puro brilho. Quanto
ao “ofício de pedra”, nossa intimidade com a
própria (pedra) nasceu na leitura de um poeta
maior que todos e que a encontrou no meio do
caminho. E a solidão? Esta é bordado em que
Libério sabe dar pontos. É nossa destinação.
Junto com Guimarães Rosa, Libério nos ensina
a ser como os da noite: como sabem ser sozi-
nhos. *Libera nos*, Libério Neves.



O homem que virou formiga
2009



Mineragem
2006

ANTÔNIO SÉRGIO BUENO

é mineiro de São Gotardo. Professor aposentado da UFMG, onde lecionou Literatura Brasileira por 30 anos. É autor de *Modernismo em Minas Gerais – Década de Vinte*, *Vísceras da memória* (sobre a obra de Pedro Nava) e *Afonso Ávila* (coleção Encontro com escritores mineiros), todos pela Editora da UFMG.

De vasta ação

Vai seiva secando
das selvas que ando
lanhando e lenhando

das caças em bandos
vou em debandando
as unhas e os voos
nos amplos dos campos

o peixe vai pondo
desovas no chão
dos côncavos quando
as águas bebendo
eu vou destes rios
e no mar urinando

ah tempo a sugar
o suco do sangue
que vem sua lama
secando nas almas

vai lua velando
com sua mortalha
um sol que me lanha
com suas navalhas.

Imagem flutuante

Um vidro transparente
com reflexo de espelho:
é como um espelho
com um véu sobre ele.

E dentro desse espaço
sem fundura
e sem plano
flutua o rosto belo.

Como qualquer rosto
ele se emoldura
no vulto dos cabelos.

Mas os olhos falam
jogam luz em flocos
sobre os lábios
em caramelos.

O rosto respira
e enche de vida
os limites do espelho.

Belo Horizonte, 19 outubro 72

Libério Neves,

Ao arrumar em nova estante, os livros de 71
para cá, reencontrei o seu PEQUENA MEMÓRIA DE TERRA FUNDA
que li outra vez. Rerler é melhor do que ler: reafirma-se
ou transforma-se a nossa primeira impressão. Agora estou
certa de que gosto muito do seu livro, da sua singular
maneira poética de dizer as cousas -simples ou complexas.
Se ainda não lhe agradeçi, esta é a hora
melhor: obrigada.

Henriqueta Lisboa

Belo Horizonte, 14 Abril 77

Querido Libério Neves,

quero agradecer o seu "A solidão
dos lluvos" e dizer da satisfação
que sua leitura me proporcionou.
Seu modo de nos colocar diante
da realidade da vida deu-me, neste
fim de noite, motivo para rever
algumas convicções e desmistificar
falsos conceitos que já andavam
lentamente a me envolver.

Envie o meu abraço e os
meus parabéns

Oswaldo França Júnior

Libério, menino, em Goiás

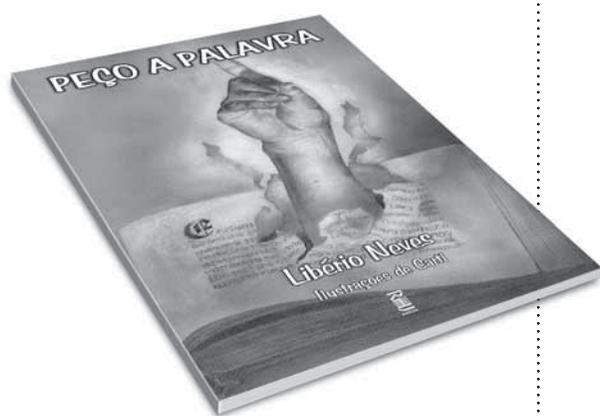
O menino poeta admira
os rios calmos e reconhece
o silêncio.
Escuta e guarda
a música das brisas.

De tanto olhar os
rios bravos – o poeta menino descobre
os modos do viver -
presente os escuros demorados das
perdas – futuras dores.

Naquelas margens
experimenta o contraste
- perfumes e cores de possíveis flores.

Seus olhos deixam
derramar as lições daquelas águas.

João Paulo Gonçalves



Peço a Palavra
2005

JOÃO PAULO GONÇALVES
é poeta e integrou, no final dos anos 60, a
primeira equipe editorial do SLMG.

Os setenta de Libério Neves

Paulinho Assunção

o poeta libério neves fez setenta anos (fará 76 em abril) e não li uma linha nos jornais de minas para saudar o poeta libério neves. talvez os jornais

de minas, amnésicos, não saibam mais quem é o poeta libério neves. não saibam, por exemplo, onde a faca do poeta libério neves, afiada faca de têmpera cabralina, corta o excesso de uma frase gorda,

tira dela a banha, faz da frase assim, depois de descarnada, um dizer de aço e raio e luz mineiro-goiana, pois o poeta libério neves,

com o seu cigarro de palha, seu modo doce e franciscano, é goiano e é mineiro — e é brasileiro, poetamigo de tantos amigos, vasta obra

para alegria dos grandes e o encantamento dos meninos. e ele fez setenta anos, sete décadas de poesia, menos, é claro, para

os amnésicos jornais de minas. uma linha não li, não li duas linhas, se houve alguma linha foi linha assim tão tímida, tão escondida,

que não mereceria o nome de linha, nem foi a merecida saudação que dissesse ao poeta libério neves: salve, salve,

poeta, por sua límpida poesia, salve, feliz aniversário, um brinde, poeta, dois brindes de translúcida caninha,

isto que agora faço, faço como amigo, faço e lembro aos demais poetas sobre os setenta anos do poeta libério neves e conclamo

aos outros para que todos falemos: salve, salve, poeta libério neves, por seu aniversário.

PAULINHO ASSUNÇÃO

é escritor e jornalista. Publicou, entres outros, *Pequeno tratado sobre as ilusões* (contos), vencedor do Prêmio Minas de Cultura (Guimarães Rosa), em 1998, e a novela *O hipnotizador*, ambos publicados em Portugal pela Editora Campo das Letras. Ganhou também o Prêmio Cidade de Belo Horizonte de 1983, com *Diário do mudo* (poesia).



Força de Gravidade em Terra
de Vegetação Rasteira – Prêmio BH
1977



A Solidão dos Muros
1976

“ Julgo ter conseguido
uma linguagem que,
até certa forma, posso
considerar original. ”

Entrevista a Carlos Herculano Lopes

A partir da revista *Vereda*, publicada em Minas no início dos anos 1960, você ajudou a formar uma geração de escritores. Como foi isso?

Vereda nasceu da reunião de alguns jovens poetas, como Henry Corrêa de Araújo, Ubiraju Carneiro da Cunha, um pernambucano radicado em Minas, Vladimir Diniz, Elmo de Abreu Rosa e Maria do Carmo Ferreira, entre outros. O objetivo era fazer poesia mais voltada para os ideais do concretismo e que também se preocupasse com os problemas sociais. Cheguei até ela por intermédio de Affonso Ávila. Conseguimos publicar alguns números, com boa repercussão aqui em Minas e em São Paulo. Apesar da vida curta, a publicação deixou sua marca: foi um ponto de referência, uma porta que se abriu para os poetas de minha geração. Em seguida a *Vereda*, liguei-me ao *Suplemento Literário* do Minas Gerais, que teve importância fundamental na literatura mineira dos anos 1960 para cá.

Embora tenha começado fazendo poesia concreta, como tempo você foi se afastando do movimento. Como se deu essa mudança?

No início, estava em lua de mel com o concretismo, com aquela ideia bem fundamentada dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Ferreira Gullar. Nós tínhamos um respeito muito grande pela imagem desses poetas, pelo trabalho que realizavam. Enquanto vivia essa verdade, escrevi com a maior sinceridade os poemas do livro *Pedra Solidão*, publicado em 1965 pela Imprensa Oficial de Minas Gerais. Até hoje editoras de livros didáticos me pedem autorização para reproduzir um poema desse livro, “Pássaro em vertical”, para mostrar aos estudantes como era o poema visual que se fazia nos anos 1960. Após *Pedra Solidão*, comecei a escrever outro livro, também com poemas concretos, mas senti que faltava liberdade para meu trabalho respirar. A poesia estava ficando sufocada, sem espontaneidade, principalmente pelo rigor da forma, que se impunha diante da poesia concretista. Publiquei, então, meu segundo livro, *O Ermo*, em 1968. Ainda existiam alguns resquícios da poesia concreta na linguagem, mas, quanto à forma de distribuição dos poemas no papel, eu já havia deixado a poesia concreta para outro plano.

O que ficou do concretismo?

A grande conquista que adquiri com os exercícios e a experiência da poesia concreta foi o trabalho diante da palavra. Saber pesquisar a palavra, a sonoridade da palavra e as combinações que ela oferece. Daí julgo ter conseguido uma linguagem que, até certa forma, posso considerar original. A partir de *O Ermo*, já não tenho mais aquele compromisso amoroso do início com a poesia concreta. Pude, então, dar meu salto para soprar minha linguagem do jeito que gosto.

E o *Suplemento Literário*, que papel exerceu sobre seu trabalho?

Como *Pedra Solidão* havia sido publicado pela Imprensa Oficial, acabei chegando até Murilo Rubião, que fundou o *Suplemento Literário*, em

PÁSSARO EM VERTICAL

Cantava o pássaro e voava
cantava para lá
voava para cá
voava o pássaro e cantava

de
repente
um
tiro
sêco

penas fôfas
leves plumas
mole espuma

e um risco
surdo

n
o
r
t
e
-
s
u
l.

1966. No primeiro número, a convite dele, tive a alegria de ver publicado um poema meu. Murilo me disse: “Você estará representando a nova geração de escritores mineiros que a partir de agora terão vez”. E assim ocorreu, pois, a partir do segundo número, passaram a aparecer outros poetas e contistas, como Sérgio Sant’Anna, Jaime Prado Gouvêa, Adão Ventura, Humberto Werneck, Márcio Sampaio, Duílio Gomes, Henry Corrêa de Araújo, Elmo Abreu Rosa e tantos outros. Ali tive também a oportunidade de conviver com Affonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo, que infelizmente nos deixou há poucos dias [Laís morreu em 19 de dezembro de 2006].

Você chegou a Minas em 1952, vindo de Buriti Alegre, interiorzão de Goiás. Como foi essa mudança?

As lembranças de Buriti Alegre remontam à minha infância. Tenho dois irmãos, frutos do primeiro casamento de meu pai, mas eles não moravam conosco. Da minha mãe, sou filho único. Mas chegou um momento em que meu pai, por motivos pessoais, acabou nos deixando e foi morar no Sertão. Passamos a viver com muitas dificuldades. Para ajudar minha mãe, depois das aulas eu ia vender doces nas ruas e engraxar sapatos. Quando terminei o curso primário, com ótimas notas, a diretora escreveu no meu diploma: “Grau 10, com distinção e louvor”. Aquilo entusiasmou meu irmão mais velho, que vivia em Tupaciguara e me levou para morar com ele para que pudesse prosseguir os estudos. Depois de terminar o ginásio, fui para Uberlândia e, em seguida, para Belo Horizonte, onde cheguei em 1952. Acabei me formando em direito pela UFMG.

O que a poesia significa para você? Quais são os seus autores preferidos?

A poesia tem servido de consolo para busca de alguma explicação para o inexplicável. Uma bênção guardada para mim nos piores momentos, como quando perdi meu primeiro filho, por exemplo. A literatura foi a causa de eu não ter nenhum ganho material na vida, mas trouxe tudo o que mais valorizo. Gosto de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e João Cabral de Mello Neto. Conheci a obra deles por meio de um colega de faculdade, o poeta Pierre Santos, e desde então nunca mais deixei de lê-los.

CARLOS HERCULANO LOPES

mineiro de Coluna, é jornalista e escritor. Alguns de seus romances serviram de base a filmes e séries de televisão.

PAPEL PASSADO

Se, por acidente, moléstia ou velhice, algum dia eu vier a ver-me (resto) imóvel no lençol, a depender, por caridade ou pelo amor, do vosso gesto difícil, esse gesto de lavar meus panos de matéria e de limpar os meus resíduos deste mundo, assim constantemente no cotidiano de uma lenta espera do expirar de tudo, isto será profundo para vós e doloroso para mim.

E certamente é certo que não terei palavras, nem gestos, para vos agradar; é certo que meus olhos lá serão de piedade, olhando as vossas fisionomias desanimadas olhando-me nos panos, e sofrereis demais e eu bem mais desesperadamente.

Antes que isto porventura ou positivamente ocorra, lavro a declaração presente, antecipada, de que no quando (eu) assim restar, imóvelmente mudo, contudo ainda vivo, estarei a todo instante, em mente, beijando as vossas mãos em mim santificadas, nessa final humilhação do corpo, essencial talvez à filtração da alma.

O ARRUDAS

(um rio de unidade capital)

1

O arrudas roda
rude
seu tempo

(pardacento

pardo a cento
por cento
de coisa lenta
pulsa

o curso
de longo curso
no escuso
e raso alento)

o rio
a quente e frio
a noite
se noite ou dia

revelia
de intestina sina
o fio fia

ao redor
e dentro
no centro
de seu cimento

2

em leve
e mudo
no espasmo lava
e muda
o mesmo
na prisão do fundo
a esmo
é larva
e asma
ou corredeira brava

(no obscuro
equilibra
que livra
seu sub
mundo
na quietude
do quando nada
que é tudo)

revela
o olho na escada

nivela
de saldo a soldo

moeda
de ele ela

3

água fôra
bárbaro
e rio de cristal

(o arrudas
pardo
curvo
além do bem
e do mal)

grave acervo
escravo ao lerdo
a febre surda
herança
do que herda

extrato
e fausto
do imundo

o arrudas

diferente
sempre igual.

A FORTUNA LITERÁRIA DE LIBÉRIO NEVES

Fábio Lucas

Libério Neves apresentou-se pela primeira vez ao leitor como poeta. Reunira seus poemas no volume *Pedra Solidão* (Belo Horizonte, Edições MP – Movimento-Perspectiva, 1965), lá se vão quarenta e cinco anos. É que o autor obtivera o Prêmio Cidade de Belo Horizonte de 1964. E agradece a Ildeu Brandão e Guimarães Alves por tornarem possível a divulgação de seus trabalhos.

Magalhães Pinto era governador e o incomparável José Guimarães Alves, então Diretor da Imprensa Oficial, instituíra as Edições MP (Movimento-Perspectiva), coincidentemente a abreviatura do nome do político e financista mineiro. Destituído de qualquer vaidade, Guimarães Alves consagrara-se como um dos grandes incentivadores dos novos escribas de Minas Gerais, independentemente da orientação política ou ideológica do candidato. E observe-se que estávamos nos primórdios da ditadura militar, deflagrada justamente a partir de Minas Gerais.

A capa da coletânea *Pedra Solidão* é de autoria de Márcio Sampaio, artista que iniciava os primeiros passos da auspiciosa carreira. Em novembro de 1969, Márcio Sampaio realizaria, na Galeria Guignard, à Avenida Alfredo Balena, sua exposição de desenhos “O Círculo Monstrual”, endossado por minucioso estudo de Ângelo Oswald de Araújo Santos, outro notável homem de Letras, estimulador de novas vocações. De três partes se compõe *Pedra Solidão*: Duração da Pedra, O Facão e o Latifúndio e Pedestal da Pedra. Nesse último conjunto destaca-se o poema “O Rio das Velhas”, dedicado a Affonso Ávila e Jerson Basques.

Vê-se que estamos a tentar a reconstrução do ambiente em que se estreou o poeta. Poeta mineiro? Digamos que sim, em parte, pois Libério Neves nasceu em Buriti Alegre, Goiás, a 29 de abril de 1934, circunstância que deita raízes no quadro mnemônico da sua poesia. Mas o ambiente de Buriti Alegre não se distancia do modo cultural que envolve a herança dos municípios mineiros aglutinada na jovem Capital em que Libério Neves se formou e enaltece em seus escritos. Também em Belo Horizonte é que o poeta levantará o segundo Prêmio, o “Cláudio

Manuel da Costa” da Secretaria de Educação e Cultura de Minas Gerais em 1969, para *O Ermo* (poesia).

Naquele ambiente intelectual foi-se consolidando a obra do poeta, cercado de amigos e admiradores. Mencionemos ainda Ubirascu Carneiro da Cunha, Henry Corrêa de Araújo (haverá alguém a cuidar do acervo literário do poeta?), Luiz Gonzaga Vieira, cuja produção ensaística e ficcional não pode adormecer no esquecimento.

Quem ler hoje (2010) *Pedra Solidão* irá surpreender-se. Os poemas guardam traços do experimentalismo da época: o intenso jogo de palavras distribuídas no espaço gráfico, com óbvios apelos visuais, intensificadores dos “achados” verbais; certa concentração de sentidos, a fim de escapar ao derramamento discursivo e sentimental; fuga da subjetividade declamatória. Mas o que sobressai é a extrema capacidade poética do iniciante, algo que, repetido, denunciará o estilo de Libério Neves, sua fidelidade à expressão depurada de dois temas recorrentes na Literatura da modernidade brasileira: a solidão e a saudade. Ou melhor: a solidão e o exílio nostálgico de algo que se perdeu com o tempo: a infância e a paisagem que a emoldura, ambas as perdas irremediáveis.

A expressão poética de Libério Neves é fundamente reparadora e salvacionista. Quando mencionamos “expressão poética”, englobamos aí igualmente a prosa de ficção e a prosa memorialística, pois ambas se irmanam de tal forma que muitas vezes se confundem. É o que explicou Luiz Gonzaga Vieira em Prefácio a *Pequena Memória de Terra Funda* (Belo Horizonte:Imprensa Oficial, 1971) obra de cunho evocador, na qual a paisagem, o ser humano e as artes são envolvidos pelas palavras e figuras verbais de natureza poética.

Trata-se de um livro admirável. Cada capítulo encerra uma visão fenomenológica. Põe o universo e as relações entre parênteses e se concentra nas ramificações líricas da imagem ocular, externa, e da observação do cenário interior. Além da análise fenomenológica, cada um dos textos reclama uma visão expressionista, já que o “exterior” são fragmentos

de um interior em processo de desterro. Contemplação criativa de quem ensaia um “adeus”. O capítulo VII, por exemplo, intitula-se “O pé de jenipapo”. No segundo parágrafo já nos instrui que “O tempo não consta na memória do fenômeno” (ob. cit., p.59). E mais: o que se fala, como do avião, do astronauta, da cobra, do veneno, do telefone, do elevador e, mais que tudo, do medo, se resume tudo numa lembrança infeliz de uma queda da árvore, o “pé de jenipapo”, agora com “j”, como se explicou algures: “Jenipapo escreve-se com jota, e penso-o com gê.” (ob. cit., p.59). O capítulo VIII – “(As decadências)” já vem entre parênteses. Aparentemente diz de éguas e de cavalos. Tem ação dramática puxada pelas personagens Manuel e Vô Coronel. Mas o que impera é a paineira; melhor: a lembrança das painas e do magnetismo erótico na mente aquecida do jovem adolescente. Curiosamente, *Pequena Memória de Terra Funda* contém uma dedicatória “à memória de Aníbal Machado”, um dos introdutores da prosa suprarrealista no Brasil.

Mas não se disse tudo sobre *Pedra Solidão*. A estratégia espacial dos poemas não logra encobrir o jogo musical. Veja-se a citação seguinte, extraída do primeiro poema “Estranho recital”, cujo referente seria “o incêndio do Paraná”:

“o corpo cresce
a magia desce
a metamorfose dança
e
o vento vai parindo a orquestra
e o canto
e o recital de dante” (ob. cit., p.9)

Há bastante musicalidade nos poemas e oportunos desmembramentos de vocábulos, como se buscassem as entranhas de cada palavra. No bloco 2, “O facão e o latifúndio”, dedicado a Gilberto Mendonça Teles, o dístico à p.27 é expressivo: “O latifúndio bate fundo/ no coração do enxadeiro”. O poema “Latifúndio”, dedicado a Henry Corrêa de Araújo, é dos melhores da obra.

De volta ao Prefácio de *Pequena Memória de Terra Funda*, surpreendemos Luiz Gonzaga Vieira dirigir-se ao autor desta forma: “Não pensei em você como contista, mas como um poeta se extravasando na prosa, uma prosa que nasceu das entranhas do poeta Libério Neves” (ob. cit., p.7). Da página seguinte consta: “Sua prosa é escrava dos seus poemas, no melhor sentido. O ritmo de sua prosa tem a mesma cadência dos poemas.” (ob. cit., p.8). Adiante, a reiteração enfática: “O poeta Libério Neves chega, às vezes, a esmagar o prosador.” (ob. cit., p.9). O ensaísta conclui por chamar a atenção para a melancolia do livro do poeta, “espécie quase assim de lamentações.” Conclusão, a nosso ver, muito acertada. Mas a releitura de toda a obra de Libério Neves leva também a outros cenários líricos e culturais. Além das obras premiadas, de edições pela Imprensa Oficial, o autor nos deu também, pela editora Interlivros, *Mil Quilômetros Redondos* (1974) e *A Solidão dos Muros* – último da trilogia das *Memórias de Terra Funda*, conforme consta do frontispício (Belo Horizonte, Interlivros, 1976). Um turbilhão de ideias, imagens, ainda ecoa nos ouvidos acostumados à boa linguagem.

FÁBIO LUCAS

mineiro de Esmeraldas, é membro das Academias Mineira e Paulista de Letras.



Mil Quilômetros Redondos
1974



Pequena Memória de Terra Funda
1971

O poema

No momento, em consequência de uma certa perplexidade dos poetas atuais diante do problema das formas poéticas e sua transformação, não são poucos os autores que se preocupam com a questão da poesia em prosa. Como se sabe, foi Baudelaire o primeiro que formalizou teórica e praticamente o novo gênero, cuja estrutura iria estabelecer no texto, a fusão entre a arte poética e a prosa.

Em nossa época o crítico Oswaldino Marques, há tempos, foi, parece, o primeiro a cunhar a expressão – prosoema – para qualificar aquela libertação estilística realizada por Guimarães Rosa que marcou de maneira tão decisiva nossa literatura contemporânea.

A época do simbolismo, Cruz e Souza – poeta de inegável criatividade, seguindo o exemplo pioneiro de Baudelaire, realizou a poesia em prosa no livro *Missal* (1893) que entre nós parece ser obra precursora e logo depois – Evocações.

Atualmente em Minas, o poeta Libério Neves – autor pertencente à geração posterior a 1960 e, portanto, vincado pelo interesse experimentalista, vem realizando o *Prosoema* com sensibilidade criativa e consciência estética. Como quase todos os poetas que começaram depois de 1960, Libério Neves ostenta, em seus trabalhos iniciais, as marcas tanto cabralinas como concretistas. Entretanto, estas influências foram reelaboradas no sentido da composição do discurso que encontra sua originalidade no molde baudelaireano reatualizado. Quanto às experiências de Guimarães Rosa, é de se considerar que o autor de *O Grande Sertão* apresenta o lirismo revestido pelo disfarce do modelo romanescos. Ao passo que a característica dos autores atuais do prosoema é apresentar o texto despido de qualquer fabulação que é um elemento próprio da ficção.

Libério Neves estreou em 1964 com o livro *Pedra Solidão* e, logo após, deu-nos *O Ermo* (de 1968), ambos livros de poemas. A seguir veio *Pequena Memória de Terra Funda* (1971) que se chamou livro dos contos, para, em 1975, lançar, pela Interlivros, de Belo Horizonte, seu último trabalho – *Mil Quilômetros Redondos*. Tanto no *Pequena Memória*, como na realização deste ano, é de se verificar a

atmosfera essencialmente lírica criada pelo autor. O enfoque subjetivo e sensorial assinala todo o discurso, dirigindo sua composição.

Mil Quilômetros Redondos, continuando a temática do primeiro livro em prosa do autor, tema que são as reminiscências da infância, atinge uma sobriedade e equilíbrio rigoroso de estilo, o que funciona no sentido de imprimir maior relevo à camada imagista. Isto é, podando e filtrando ao máximo o elenco sintático – a imagem ganha um destaque singular. Desta maneira, é este elemento que dinamiza e caracteriza o sentido essencialmente poético do texto. O vocabulário em si mesmo é simples e aparentemente referencial, mas o autor agencia sua expressividade através de uma série de figuras que vão estabelecendo aquela atmosfera mágica e encantatória peculiar à poesia. Esta atmosfera toda subjetiva é constituída pelos instantes líricos e densos que sulcaram as recordações vivenciais do autor. Recordações carregadas de fragmentos sensoriais vão afluindo no texto como num teatro mágico do universo pessoal e íntimo do autor. Desta maneira, a leitura deste livro terá que considerar, antes de tudo, o movimento ondeante das imagens que são metonímias e metáforas. A função da metonímia do texto de Libério Neves é estabelecer uma série de fragmentos que, como uma rede, vão tecendo uma espécie de pano de fundo. Esta rede faz surgir a situação adequada para que a metáfora tenha toda a sua força expressiva, podendo liberar o texto do seu círculo morto (ou vazio) da linguagem referencial (que é a linguagem da prosa). Assim o autor pode usar um vocabulário cabralinamente simples e usual sem que isto empobreça ou banalize o discurso que é – antes de tudo – lírico.

Vemos, portanto, que as metonímias situam, por assim dizer, o leitor e as metáforas poetizam o discurso. Aliás, o próprio João Cabral, sempre preocupado em despoetizar o poema, reveste seu texto de rica camada imagística. Em Libério Neves a metonímia não pretende (como geralmente) definir o todo pequeno detalhe, mas fazer que este detalhe desloque o leitor para o plano sensorial e emotivo daquilo que foi memorizado. Ao contrário de certos autores que memorizam os fatos,

em prosa

Fritz Teixeira de SALLES

Libério Neves memoriza sensações e emoções – o medo, a desconfiança, o pesar, a alegria, a solidão, o desespero, isto é, a série emotiva que marcou sua trajetória biográfica. Assim sendo, a metonímia não dirige a narração, assinalando-a com marcos referenciais como o faz nas escolas realísticas e tradicionais. Nem tampouco tem a função de formar um quadro ambiental onde se desenvolve a narração dando-lhe sequência, mas, antes, fragmenta as sequências transformando-as em instantes isolados de vida. O autor não narra uma estória, pois, a poesia não narra, mas mostra; codifica os instantes decisivos que foram fixados pela memória através das figuras e tropos. Vejam-se estes exemplos que demonstram como funciona a metonímia do texto em foco:

... “uma poeira de cinza carcome o filtro das narinas”... (*Pequena Memória de Terra Funda*, Página 26).

Outro exemplo do mesmo livro:... “com seus carrapatos e os anus cantando”. (Página 21)

... “vi agora os meus cabelos me esclarecendo. Súbito me vejo aos óculos, os olhos duplos”... (*Mil Quilômetros Redondos*, Página 26).

Criada a atmosfera toda mágica e subjetiva no texto, é de se verificar como as metáforas ganham relevo e brilho como podemos ver nestas passagens.

... “uma árvore te chora”... (*Pequena Memória de Terra Funda*, Página 26).

... “o coração viaja em chuva”... (Idem, Página 26)

Muitas vezes o sintagma de sentido semiológico modula ainda mais a imagística, como neste exemplo:

... “dentro do azul daqueles olhos – mundo”... (*Mil Quilômetros Redondos*, Página 66).

Há metáforas de uma inventividade rara:

... “Minha cidade reside ao pé de uma montanha que vela as almas dentro dos muros” (*Mil Quilômetros Redondos*, Página 56)

... “lá onde os pastos de vento”...

... “e a multidão respirava as brasas da tarde”... (Idem, pág. 30).

Há ainda vários outros aspectos neste livro, aparentemente modesto, porém tão rico de sugestões, que poderíamos estudar, mas não temos tanto espaço. Entre estes aspectos estaria o aproveitamento da linguagem interiorana sem cair no regionalismo banal e pitoresco, ou a plenitude atingida em passagens isoladas como, por exemplo, no texto intitulado *Espelho*, à página 65, onde o autor obteve um efeito lírico excepcional e muitos outros.



FRITZ TEIXEIRA DE SALLES
(1917–1981), mineiro de Santa Luzia, foi poeta e ensaísta, autor de *Literatura e consciência nacional* e *Associações religiosas no Ciclo do Ouro*.

PEDETA

Lutador

O soco do campeão
abala o tronco – e bate
com seu impacto

bárbaro!

a boca é sangração
na dança do combate
de um cambaleio bárbaro

o choque da sua mão
(dentro da luva) em nada
empana o coice

bárbaro!

um foco de solidão
na luz do quadrilátero
clareia o furor bárbaro

e louco no escuro chão
em volta em voz compacta
reboa o grito

bárbaro!

e soca-se campeão
e o corpo nu debate-se
com gesto bambo e bárbaro

um toque do gongo (tão)
exato salva e parte-se
para o rebate:

bárbaro!

São Paulo, 18 de março de 1966.

Prezado Libério Neves:

Fico-lhe muito grato pelo exemplar de Pedra Solidão que teve a gentileza de mandar-me. O que me impressiona na sua poesia, a par do afã de estar em dia com o que haja de mais criativamente nôvo no campo da expressão poética, é a vigorosa nota pessoal que você alcança fazer soar em vários poemas da coleção, entre os quais eu citaria, como dos mais realizados, "O Poeta", "Os Túneis" e "Galos" (notadamente a sequência 2).

Cumprimentando-o pela façanha (particularmente digna de registro nesta época de conformada diluição epigonal), aqui fica, com um forte abraço, o

José Paulo Paes

Beço, 12.3.1979

Amigo Libério,

Meu uma vez, para alegrar a
teus a sua poesia oferecida em força
de grandezas, testemunhando a constância
e o fervor dos autênticos poetas.

Eu e Affonso recebemos com a mesma
e antiga amizade esse livro que nos traz
de volta o rigor e limpeza de seu trabalho
criativo, em que a palavra é manipulada
para servir ao texto de uso, e, sobretudo, no
entanto, aquela lição de despojamento
que bem caracteriza o seu fazer poético.

Agradeço o excelente presente e,
como v. bem sabe, desejo que a
Força de grandezas abraça, para essa
"língua de vegetais rosteira", o merecido
sucesso que lhe cabe. Um abraço
de companheiros de trabalho braçal
ao consciente e severo plantador de
poesia.

Laiz (e Affonso)

A TERRA

Seja terra em pedra
ou terra em lama
ou terra em pó,
em toda a Terra
tudo é vida só:

no lance do braço
que maneja foice,
no metal da enxada
capinando roça,
no vigor da planta
a crescer com força

no metal do garfo
da face e da colher,
no sal mineral
do vegetal na mesa
onde comem: homem
filhos e mulher.

Literatura-hoje •

Muito além de Buriti Alegre

“Um homem pode nascer na Califórnia ou em Goiás. Parodiando a Carlos Drummond de Andrade, principalmente um homem pode nascer em Goiás. Sentir e ver, transfigurar na poesia as coisas reais de sua terra. Lá onde existe, além do massapé e o tronco, a pedra e a solidão do latifúndio”.

Este é o poeta Libério Neves, goiano de Buriti Alegre. E da figura alegre, entre baforadas cheirosas do cigarro de palha, se revela o poeta de grandes forças. Numa linguagem fluente de ricos achados e precisas analogias realçando a cada verso, Libério Neves, como lava a uma cuidadosa e profunda interpretação da arte que atinge, não somente a superficialidade do real, mas também o cerne da existência. Aí está pois a sinceridade do grande artista das palavras ao construir pela beleza estética um integral delineamento da realidade inteligível, para muitos, apenas com os olhos.

Partindo de uma posição de vanguarda, Libério Neves, não se esgotou nas puras formas e estruturas visuais, muito pelo contrário, trouxe das pesquisas o elemento fundamental dos seus poemas, o conteúdo nítido, explicitado, da sua personalidade demonstrada em cada verso.

Buscásemos, numa análise exigente, um conteúdo a que chamaríamos de fenomenológico, ou seja, uma razão intrínseca de cada palavra, quando manifestada, outros mundos viriam por se descortinar, por trás de explicitações gráficas outros elementos estariam — ou estão — reforçando a forma. Quando temos, de Libério alguma coisa como: “a mão no elo/ custa/ o tronco/ e gonzo e água/ de sal/ na ira dos reis”, seria o mínimo do nosso esforço para que entendêssemos a profundidade destes versos. Porém ele nos revela a cada instante ritmico as nítidas presenças de Manoel da Costa, Gonzaga e Silvério dos Reis, trazidos claramente de “a-mão-no-elo-custa”, escuro de “a-mão-no-elo-custa”, “gonzo-e-água”, “sal-ira-reis”. Ora, diriam: como acharemos isto? Não bastam sinais gráficos, meras formas que se diluem na memória; faz-se necessário que atinjamos a motivação, ou mais precisamente, ao leitor cabe abstrair do poema a intenção final do poeta. Está pois, Libério Neves, no seu poema Rio

das Velhas, um rio profundo na história, como é próprio diz: “Mas o homem cresce e vem, a ver as coisas de uma terra igual e diferente, onde marcava no antigo a história do ouro e seu dízimo, num rio da mesma idade dos outros rios, contudo Rio das Velhas. Essas velhas morreram, e o rio — de outrora e de hoje — flui”.

É a certeza de que, mesmo um tempo pretérito se diluindo nas correntezas do rio, ficou-nos a marca indelével de uma realidade presente.

Dizer de Libério Neves seria difícil, senão nada mais do que aquela figura esguia, inveterado fugitivo de saraus literários, o bibliotecário do IMACO e, circunstancialmente, bacharel em Direito. E vão surgindo os poemas numa incessante e inconformada busca.

Em 1964 lançou o seu primeiro livro — Pedra Solidão — (1) que lhe valeu o Prêmio Cidade de Belo Horizonte e a Menção Honrosa do Grande Prêmio de Poesia do Instituto Nacional do Mate. Pertence ao grupo Vereda, do qual é co-fundador.

Quando da Semana Nacional da Poesia de Vanguarda, realizada em Belo Horizonte em 1963, o crítico Roberto Pontual ficou impressionado com a sua poesia e num recente artigo publicado por um jornal carioca sobre a poesia mineira não fez por onde omitir o nome de Libério Neves.

Fácilmente identificamos o poeta: de contrastes imprevisíveis, sempre com um sorriso sob o farto bigode. Nos bolsos de Libério há sempre um poema inédito. E então, quando vai ser publicado? Está difícil; há duas semanas que está procurando uma palavra exata. E desta palavra-chave arranca-se a beleza do “Arrudas/ roda rude/ seu tempo/ pardacento...”

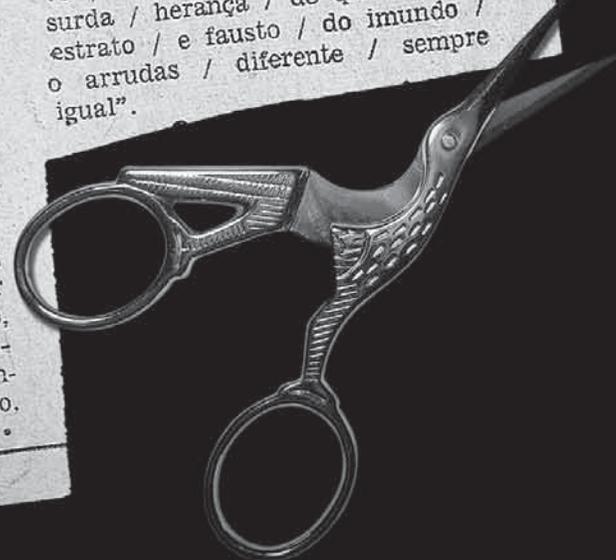
Pedra Solidão são vinte poemas divididos em três partes que se desenvolvem entre os temas distintos: Dureza da Pedra, O facão e o latifúndio, e o Pedestal de Pedra.

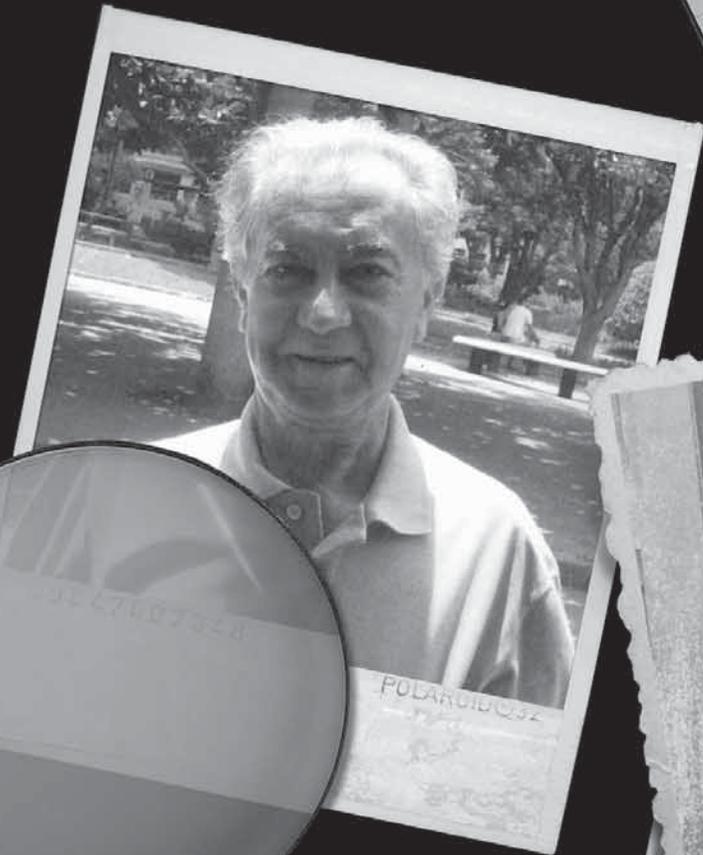
E sobre o Rio das Velhas? Ele nos diz; acendendo, mineiramente, o cigarro de bom fumo goiano:

“Rio das Velhas é um poema normal, cujo ritmo procura fazer a curva do movimento histórico, por assim dizer, dêsse rio tão importante na motivação dos Inconfidentes. O poema começa lento,

em seguida assume o ritmo natural daqueles tempos do ouro, para finalizar com o mesmo ritmo inicial. Na parte onde o ritmo é o do tempo histórico do rio, existem recursos de linguagem que oferecem maior sentido de síntese, com a combinação sonora das palavras sugerindo nomes de Inconfidentes e das velhas cidades mineiras. Tal síntese começa na participação da palavra escavo: onde se pode ler assim mesmo, ou acrescentando mentalmente um r no espaço vago além da evidência desta palavra escavo, um dos sérios fundamentos da Conjuração. Depois vêm as expressões: “o vento silva na relva a língua soluçante”, a sugerir o nome de Silva Alvarenga; “um peixe outro mergulho...”; a sugerir Alvarenga Peixoto; “quem saberá? Maria, Ana, o povo da vila, a velha rica?”, evidenciando no poema, enquanto se diz outra coisa, as cidades de Sabará, Mariana e Vila Rica; “triste gaudio... a mão no elo custa o tronco e gonzo e água de sal na ira dos reis”, a sugerir os nomes de Cláudio Manuel da Costa, Gonzaga e Silvério dos Reis; “na noite a lâmpada é rosa (Campo da Lampadada, onde executaram o Alferes); “pira ardente sobre as cabeças” (Tiradentes). O poema termina com a palavra urubu, fechada e escura, com todas as conotações que sugere este pássaro, hoje tão comum ali, voando baixo e nas pedras, certamente à espera de alguma eterna podridão que as águas, poucas, levam”.

Assim vai Libério Neves desabrindo novos rumos, novas direções da poesia moderna. Certamente a estas horas ele estará procurando uma nova palavra-chave que nos dará um outro grande poema, e enquanto isto segue “o arrudas / pardo / curvo / além / do bem / e do mal / grave acervo / escravo ao lerdo / a febre surda / herança / do que herda / estrato / e fausto / do imundo / o arrudas / diferente / sempre igual”.





Libério Neves:

Quando, após um ano vazio de tudo, inclusive de vergonha, a gente dá de tópo com um livro bom como o seu, algum conforto, no caso, nos vem como compensação. Excusado, pois, dizer-lhe que gostei, e muito, do seu "PEDRA SOLIDÃO", e, como tal, a sua solução de "verso", notadamente em "Pedra Mística". Aliás, com o devido respeito, bastava apenas o título "Pedra" que diz tudo, sem a adjetivação de "mística" que, no caso, lhe tira a força. Se desço a esta minudência, é porque gostei do livro.

Certo é, Libério Neves, que você nos transmite alguma coisa de novo e isso forra a minha geração de vários complexos. Um deles, o de não ter podido fazer a supressão do chamado "verso linear". Demais, você mostra-nos ser possível fazer poema diferente sem abandonar o adjetivo, como, por exemplo, no nº 3 de "O Hospital":

"... no hospital é noite e meia
o grande e gordo fantasma feio!"

Muito obrigado, Libério Neves.

Sinceramente,

Dantas Motta.

Em 30-1-66.

Viajante da noite
Quem bate a porta
a esta hora subita?

São mãos bandido
e um matadigo
este mendigo.

Por que pode agora
ao fim a fria esmola?

A passo lento
leba o mendigo
os seus acombros

deixa comigo
chairs no vento
e a sua sombra.

Libério Neves
Agosto 1977

MEU PAI

O aniversário
é hoje
onde (andaria
o corpo?)
se tão clara
a imagem foge
recordo ainda
a cor da roupa

foi quase hoje
e éramos
ele (minha mãe
e eu)
sem agravos
errando
sem as palavras
do — adeus

foi hoje e
nos perguntamos
a esmo de nós
(por dentro)
e sempre
nos consolamos
com o mesmo
acontecimento.

O MÚLTIPLO

1

Eu sou mais vário
como sou mais um
nesse corpo em vara
e múltiplo capim

o mínimo de mim
é mina e breviário
do múltiplo de claro
e escuro rio

2

em mim germina
a mímica do verbo
e ferve um remoinho
de grito e verve

meu pelo é fibra
fria em minha pele
mas o sangue vibra
mais embaixo dela

3

quando a mão é rosa
e trêmula e extrema
o coração em força
esforça e treme

quando a mão é força
e esse gesto engulo
meu coração é osso
e pulsa na medula

4

sou mudo e sou vós
em uma voz que passa
e falo de ser pois
em cinza e brasa

máximo fremindo
no rosto monossílabo
firmo e me confirmo
síntese e análise.

Meu Pai,
publicado em *O Êrmo* (1968)

O Múltiplo,
publicado em *Força de Gravidade em Terra
de Vegetação Rasteira* (1978)

Um irmão

Irmão é quando indo a seu encontro oferece-lhe as mãos para o abraço.

É quando ele então vem levantá-lo erguê-lo e elevá-lo aos próprios passos.

Irmão é quando você agradecendo ele acrescenta: doei somente o alento da semente merece a planta quem a planta.

É quando ele vagaroso andando vai erguer os olhos para ver o irmão.

Irmão é quando seja ele um pai assim como quando seja o pai um irmão.

Mármore

O destino do mármore é ser a pedra plana e polida, ou ser matéria da forma esculpida.

Linhas e veios na lisa mesa, ou escultura de punhos e veias e musculatura.

Peças em colunas peças em templos em praças milenares, ao longo dos tempos e dos lugares.

É o mármore ainda a telha viva de nossa casa definitiva.

LIBÉRIO NEVES

- 1934** Nasce o poeta Libério Neves em Buriti Alegre – GO
- 1960** Forma-se em direito pela UFMG
- 1964** Prêmio Cidade de Belo Horizonte com o livro *Pedra Solidão* (Poesia)
- 1965** Publicação do livro *Pedra Solidão* – Imprensa Oficial de MG
- 1968** Publicação do livro *O Ermo* – Imprensa Oficial de MG
- 1969** Prêmio Cláudio Manoel da Costa – Secretaria Estadual de Cultura com o livro *O Ermo* (Poesia)
- 1971** Publicação do livro *Pequena Memória de Terra Funda* – Imprensa Oficial de MG
- 1972** Prêmio Cidade de Belo Horizonte com o livro: *Circulação de Sangue* (Poesia)
- 1974** Publicação do livro *Mil Quilômetros Redondos* – Interlivros de MG
- 1975** Publicação do livro *Antologia I* – Interlivros de MG
- 1976** Publicação do livro *A Solidão dos Muros* – Interlivros de MG
- 1977** Prêmio cidade de Belo Horizonte com o livro *Força de Gravidade em Terra de Vegetação Rasteira* (Poesia)
- 1978** Publicação do livro *Força de Gravidade em Terra de Vegetação Rasteira* – Editora Lítera Maciel
- 1980** Publicação do livro *Que Tal Nosso Quintal* – Interlivros de MG
- 1982** Publicação do livro *O Cavalo Amarelo* – Editora Vigília
- 1983** Publicação do Livro *Circulação de Sangue* – Imprensa Oficial de MG. Publicação do Livro *A Bicicleta Encantada* – Editora Vigília
- 1985** Publicação do livro *Olhos de Gude* – Editora Vigília
- 1986** Publicação do livro *Animagens* – Editora Vigília
- 1988** Publicação do livro *Para Sonhar que Vive* – Editora Vigília
- 1990** Publicação do livro *Balão de Couro* – Editora RHJ
- 1991** Publicação do livro *Lembrança Bate as Asas* – Editora Vigília
- 1993** Publicação do livro *Memória dos Cães* – Editora RHJ
- 1995** Publicação do livro *Voa, Palavra* – Formato Editorial
- 1996** Publicação do livro *As Cores Mágicas* – Editora Vigília
- 1997** Medalha Santos Dumont – Honra ao Mérito Literário
- 1999** Publicação do livro *Fera no Estilingue* – Formato Editorial
Publicação do Livro *Você vem Comigo* – Editora Alis
Publicação do livro *O Cavalo e a Galinha* – Editora Alis
- 2000** Publicação do livro *Coisas do Coração* – Editora Miguilim
- 2000** Publicação do livro *Águas* – RHJ Editora
- 2004** Publicação do livro *Peço a Palavra* – Editora RHJ
- 2006** Publicação do livro *Mineração* – Editora Lê

Pequeno retrato do poeta

Libério Neves

Entrevista a
Paulinho Assunção

Em 1974, fui com um amigo à sede da Editora Interlivros convidar o poeta Libério Neves para ir a São Gotardo, onde reuniríamos, dias depois, para uma série de debates, grande parte dos escritores mineiros residentes em Minas. Na editora, atrás de uma mesa repleta de originais e papéis vários, magro, quase chegando a franzino, e um brilho no olhar de quem não se deixou anuviar pela coloração tóxica da cidade grande, o poeta soltava eternas e espiraladas nuvens de seu puro cigarro, sem dúvida feito com palha e fumo escolhidos nas melhores origens. Por razões particulares, Libério Neves não pôde comparecer aos debates, mas não deixamos mais de ter contato. E ele, sempre aberto para uma conversa descontraída, tal e qual, eu não sei, mas presumo, ele deve ter praticado muito ao pé de alguma fornalha com o sussurro apenas da cafeteira esmaltada gerando café novo. E, quem sabe, captando nas conversas as asas das palavras que lhe pousariam nos primeiros poemas.

Se existe um poeta que retira, ara, revira e ferve a seiva de seus versos no calor de suas próprias raízes — não à moda de praticar regionalismos, mas justamente contextualizando dialeticamente seu próprio ser no mundo —, este é, inegavelmente, Libério Neves. E disto ele faz a sua marca. E a sua voz. Porque, como ele mesmo disse, é naquela tortuosidade das raízes encravadas na terra, únicas para cada um, que o poeta deve e verdadeiramente encontrará essa fervura inicial que moverá sempre a corrente sanguínea de sua obra. E de sua originalidade.

Libério Neves tinha acabado de lançar o seu livro *Força de Gravidade em Terra de Vegetação Rasteira*, que recebeu em 1977 o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, concurso no qual foi premiado também em 1964, com *Pedra Solidão*, e em 1972, com *Circulação de Sangue*.



O Êrmo
1968



Pedra Solidão
1965



De que forma Libério Neves definiria o poeta hoje, em um mundo tão caótico, eivado de violências sutis e descaradas? Estaria essa definição já colocada na abertura de seu livro, que diz: “Ó poesia / flor e carrapicho”?

Fernando Pessoa tem uma definição muito poética do poeta. Ele diz que “o poeta é um fingidor / finge tão completamente / que chega a fingir que é dor / a dor que deveras sente”. Já o Drummond diz que o poeta é um ressentido. Nos dias de hoje, mais do que nunca, estou mais com Drummond, pois esse ressentimento de que fala traz o poeta ao nível de ser carne e sangue, absorvendo como esponja as “violências sutis e descaradas”, como você fala. Por exemplo: sensibilidade pelo motivo comovente do operário de sertão ou de cidade, o poeta procurar extrair desse motivo a resultante humana que seja comum ao repicar de todos os machados e ao retinir dos malhos de todas as distâncias, suando — em sua sinceridade — e com um só desejo: que o seu poema leve a todos os ouvidos a nitidez dos golpes e das pancadas, amplos, como ressonância de tambores. Isto quer dizer que o poeta, partindo do geográfico, procura estender o fato de sua motivação criadora a todos os receptores da linguagem poética: então o poeta será universalizante na sua tentativa de anunciar, denunciar e comover.

E as funções da poesia? A poesia cumpre uma função clara, objetiva, palpável, ou estaria mais certo Jean Cocteau, que dizia: “A poesia é indispensável, mas eu gostaria de saber para quê?” Outro autor, o cubano Alejo Carpentier, disse, a respeito das capacidades transformadoras da literatura, que os únicos livros que realmente provocaram transformações na sociedade não são obras literárias, ou seja, foram O capital e O contrato social. Seria já essa uma discussão bizantina, Libério?

As funções da poesia (e, portanto, do poeta) neste final de século já estão, de certa forma, colocadas na resposta anterior. Uma coisa eu penso: dificilmente a poesia será levada, como forma de conscientização, ao homem, que é objeto dela. Isto é uma questão quase de pedagogia ainda, pelo menos em termos de América Latina. Então seria necessário que a poesia fosse dirigida e injetada, com franqueza, nos amplos corpos representativos das cúpulas manipuladoras dos destinos do homem, considerado este como ser integral em sua dignidade perante a Criação.

Quem é o homem Libério Neves que desfia calmamente as fibras do fumo goiano, que alisa a palha de milho com os lábios e acende o cigarro, soltando baforadas quase eternas, como o sertanejo acocorado junto a um moirão de fazenda, filosofando simplesmente pelos referenciais de alguma revoada de maitacas, do berro de uma vaca, de uma trovada longínqua? Quem é este Libério Neves?

Em Força de gravidade, existe um poema, “O Homem da Rua”, que retrata bem a minha realidade e talvez a de muitos outros poetas brasileiros. Nele eu falo desse homem que corre aqui e ali, enfrenta fila de ônibus, fila de elevador (quando absolutamente necessário, porque um dos meus pavores favoritos é o de entrar em elevador), fila de açougue, esse homem que sai de um trabalho e corre para o outro, afinal esse corpo que se movimenta anônimo no meio do povo; mas dentro desse corpo está, no invisível absoluto, esse outro homem que surpreende a cada instante, com seus flashes íntimos, a mágoa desses empurrões e dessas espremeções e desses desaforos da vida, esse homem que se revolta surdamente em seu sangue e vai gritando surdamente seus pobres versos em qualquer pedaço de papel que carrega nos bolsos, seja uma notinha de compra ou mesmo um volante de loteria esportiva; afinal esse homem que depois vai para a máquina e passa a limpo com amor tudo aquilo que anotou às pressas.

E a poesia hoje?

Acho que é realmente um período de efervescência, que o período das experiências vanguardistas está passando, cada poeta está buscando seu próprio caminho, ainda que percorrendo trechos abertos ou projetados por experiências inovadoras conscientes. Em Minas, por exemplo, você vê que os poetas novos têm, cada um, a sua marca, a sua personalidade de estilo e enfoque. Isto é bom, e me parece significar que os poetas hoje estão se preocupando bem mais com o dizer, tecnicamente consciente,

do que com o como dizer, muitas vezes válido, contudo estéril. Quanto a mim, digo como está em epígrafe na abertura da segunda parte do Força de gravidade: “Viso a forma / com fundo / e não a fôrma / que a deforma / e confunde”.

E o amor, Libério Neves?

Amo a vida, não quero morrer. Amo a vida porque amo as pessoas, que são todas minhas companheiras de barco, o mesmo barco de nós todos aqui no mundo. Quanto às pessoas, eu tenho uma comparação que faço com o cachorro, mas muito sincera. Eu não gosto de cachorro, mas o admiro; não chego a admirar todas as pessoas, mas gosto delas.

E o prazer ao término de um poema?

Uma espécie de orgasmo e beijo suave no rosto úmido da amada.

Ali, na Interlivos, fico observando o poeta enquanto ele corrige aqui e ali alguma palavra solta dentro da entrevista. Conversamos mais um pouco, ele faz um comentário sobre o aspecto negativo dos concursos literários que concedem um único prêmio, principalmente devido à quase impossibilidade de se conseguir um critério que indique uma única obra como a melhor. Discretamente, ele consulta o relógio. E me convida: “Que tal uma cerveja antes da gente almoçar?”

No boteco, ele acende o cigarro de palha e me faz lembrar de Wander Piroli, outro militante dessa arte que vem desaparecendo ante a epidemia dos *king sizes* insossos. E Libério Neves me pergunta: “Vai de táxi ou de condução?”

Por dentro, experimento boas lembranças ao ouvir a palavra condução, há muito banida dos vocabulários modernos, vocabulários que cheiram a metrô de superfície e outras “modernidades” que estão vindo por aí. E já na avenida do Contorno, fazendo comentários sobre João Cabral de Melo Neto, nossa conversa é interrompida no meio de uma frase, porque a condução vem vindo e o poeta vai para um lado e eu para o outro.

PAULINHO ASSUNÇÃO

é escritor e jornalista. Publicou, entres outros, *Pequeno tratado sobre as ilusões* (contos), vencedor do Prêmio Minas de Cultura (Guimarães Rosa), em 1998, e a novela *O hipnotizador*, ambos publicados em Portugal pela Editora Campo das Letras. Ganhou também o Prêmio Cidade de Belo Horizonte de 1983, com *Diário do mudo* (poesia).

O ano de 1979 marcou a minha despedida dos bancos escolares e, ao mesmo tempo, meu primeiro contato com um poeta de carne e osso. Vamos aos fatos, que de algum modo se interligam. Eu estava perto de completar 19 anos. Ao longo de incontáveis meses, saí de casa, na zona norte de Belo Horizonte, no ônibus das 17h45 para, depois de enfrentar a verdadeira viagem até o centro da cidade, tentar chegar por volta das 19h no Imaco (Instituto Municipal de Ciências Contábeis), no Parque Municipal, onde cursava o segundo ano do curso de contabilidade. Foram muitas as vezes em que parei na metade do caminho até a escola, mais exatamente na livraria Eldorado que funcionava na avenida Afonso Pena, bem ao lado do café Pérola. Sem nem sombra de dinheiro no bolso, saltava de um para outro livro da seção de poesia, uma que outra noite anotando um poema inteiro, ou só um verso, sob o olhar indiferente dos vendedores.

Quando eu resolvia dar as caras no colégio, tomava direto o rumo da biblioteca, onde pegava um livro qualquer – de poesia – e ia me sentar na mesa mais ao fundo, a cara quase grudada no volume, como forma de compensar a alta miopia do olho esquerdo e a quase cegueira do direito. Certa noite, ao pedir que o bibliotecário me trouxesse “por favor, um João Cabral”, ouvi do simpático e silencioso homem – mal e mal sabia o nome dele, Libério Neves – o seguinte elogio: “Você lê bem”. Eu, que desde pequeno fora acostumado, junto com minha irmã, Fátima, a ler em voz alta para sermos avaliados por Américo, nosso pai, demorei a entender que o elogio se dirigia ao que, e não ao como eu lia.

Fui para casa feliz, mas um tanto intrigado com aquele sujeito que se contentava em me entregar o volume que eu solicitava a ele, sem nunca jamais fazer sequer a insinuação de algum título que eu poderia acrescentar à minha crescente lista. Eu sabia que se tratava de alguém com vastos conhecimentos literários, e cheguei a vê-lo indicar livros a outros estudantes que o procuravam. Certo dia, qual não foi o meu espanto ao abrir o jornal *Estado de Minas* e dar com uma reportagem de página

inteira, assinada pelo poeta Paulinho Assunção, sobre ninguém menos que o bibliotecário do Imaco. Com que, então, pensei, o homem é um poeta, parece até que de relativa importância, a julgar pelo espaço que o jornal lhe concedeu. Por algum motivo de que já não me recordo, deixei de aparecer no colégio à noite – e tampouco fui visto por lá nas noites seguintes. Quando o fiz, cobri-me de coragem e, depois de saudar o primeiro poeta com quem conversei na vida, ouvi dele, tão tímido quanto eu, o pedido de licença para me presentear com três de seus livros, *Pedra Solidão* (1965), *O Ermo* (1968) e *Força de Gravidade em Terra de Vegetação Rasteira* (1978).

Já dotado de um nome e de um lugar entre os poetas aos quais eu dedicava a maior parte do largo tempo de que dispunha naquele distante 1979, Libério Neves acabou se tornando, dias depois, o primeiro leitor da minha fornada inicial de poemas, que apresentei a ele numa caprichada “edição” manuscrita – caneta Bic vermelha sobre papel almaço. Eu tinha plena consciência do quanto eram apenas passáveis aqueles experimentos, e meu novo amigo me confirmou, com suave franqueza, que minha autoavaliação era pertinente. Guardo em especial uma observação que ele fez a respeito das imagens disparatadas que se acumulavam de verso a verso, dispersas e sem força. Me aconselhou também a não aceitar como finalizada a versão de um poema em que tal ou qual palavra parecesse solta, sem função definida.

Ouvi calado as observações de Libério, quando nada, porque a cada nova leitura de seus livros era possível constatar a coerência entre o que ele, sem pedantismo nem paternalismo, me dizia e o que praticava. De tal maneira me impressionaram os poemas, sobretudo os da série *Força de Gravidade em Terra de Vegetação Rasteira*, que cheguei a musicar alguns – infelizmente, já não me lembro das melodias, por não tê-las anotado nem gravado –, naqueles tempos em que, poundiano até a medula, eu me entregava com afinco ao exercício da “crítica via música” como forma de tentar conhecer por dentro os poemas com os quais tinha

Alguma memória

Ricardo Aleixo

contato. Não todos, claro está; só aqueles em que eu entre(ou)via algo de diferente, no tocante à organização infraestrutural. Nos poemas de Libério Neves era nítida, sim, a lição cabralina da segura, da concisão e dos complexos torneios sintáticos, mas havia, ainda, um domínio tão absoluto da música verbal – aspecto que o aproxima, também, da faixa mais destacada da produção de Affonso Ávila –, que me parecia (parece) absurda a posição secundária à qual o poeta foi relegado pelos mandarins do sistema literário.

Há coisa de uns três ou quatro anos, encontramos-nos ao acaso de um meio de tarde quente, na avenida Paraná. Proseamos sem pressa. Perguntei-lhe se cultivava o projeto de algum novo projeto literário e ele me respondeu com uma imagem que à primeira vista pode soar como um mero chavão, mas que ganha um outro sentido porque pronunciada por alguém como Libério, para quem os livros conformam toda uma visão de mundo, e não apenas uma forma de, a qualquer custo, se chamar a atenção do indistinto público: “Livro é como filho. Não vale a pena lançar um se não podemos cuidar dele, ajudá-lo a encontrar o seu lugar, defendê-lo.” Quem acompanha o pouco caso com que a poesia brasileira tem sido tratada, não é de hoje, nas páginas dos grandes jornais, nos prosaicos programas da esmagadora maioria dos cursos de letras e nos eventos sem conta – e sem critério – que proliferam por aí sabe bem do que fala o poeta.

Daí a importância desta edição especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, que, assim espero, contribuirá para que o escasso público leitor de poesia no Brasil tome conhecimento da obra ímpar de Libério Neves. “(M)ais íntima do vento/ e modulada na estrela/ mas luz e usina dentro/ no túnel de um cabelo” (versos do poema “Vida menor”, publicado em março de 1969 no SLMG), essa poesia viva merece ser lida, ouvida e discutida, devidamente apreciada, enfim, para além do até agora pequeno círculo de afortunados leitores que por ela se deixam tocar.

RICARDO ALEIXO

é poeta, compositor e artista visual. Lançou recentemente a coletânea de poemas *Modelos vivos* (Ed. Crisálida).

SUPLEMENTO LITERÁRIO

na noite

intervenções



Capa: Leonora Weissmann

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretário Adjunto
Superintendente do SLMG
Assessor Editorial
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Conselho Editorial

Equipe de Apoio
Estagiárias
Jornalista Responsável

Antonio Augusto Junho Anastasia
Washington Mello
Estevão Fiúza
Jaime Prado Gouvêa
Fabrício Marques
Plínio Fernandes – Traço Leal
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, José Augusto Silva
Geizita Mendes, Marina Viana, Mariana Piastrelli
Antônia Cristina De Filippo – Reg. Prof. 3590/MG

**Textos assinados são de
responsabilidade dos autores**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1141
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

interior
do túnel

até a ruína e o ruir dos túneis.

- O vigário
- o barbeiro
- o equilíbrio
- a palavra
- a miséria
- a enxada
- o ferrão
- o cigarro
- o suspiro
- e a flor
- a navalha
- os amôres
- o escrivão
- o vigário
- a vertigem
- o tombo
- o cansaço
- o palor
- a inchação
- a preguiça

POETIA

Este mundo é o seu cam
caminha

o caminho é sonho estr
estra

tudo o que o sonho inve
enfrenta

o sonho inventa como o
sonha.

de certos peixes de mô
mof

seja sonho

ou mofa

ou na



Cremação

Nenhum grão da cinza
sua caibá no chão.

Um por um, voarão
em vento livre pelas
alturas lá de luz.

Pó no ar de estrelas
iluminando então
onde (eu) sob terra
em pura escuridão.

Libéria [u]
Janeiro/2010 [u]